tava dentro da conjura mas não tomou parte nos desmandos. Era quarteleiro e estava deitado na arrecadação quando se deu o movimento. Contra ele havia vagas acusações de não fornecer polvora a praças da guarda e inutilizar a luz electrica da arrecadação.

48) Gualdino Cesar Afonso, 1º cabo nº 8/33 do regim.to de Infant.a nº 10. Natural da Serra de S.to Antonio, conc.º de Alcanena, 19 anos, estudante do Liceu com o 5º ano já feito. Ar de creança, quasi imberbe, fala com dificuldade. Foi aliciado pelo cabo Canuto, conhecia a conjura porem não entrou nos desmandos. Creancice? Espirito de aventura? Durante as audiencias esteve sempre sucumbido.

49) Guilherme Augusto, 1º cabo nº 511 E do regimento de Infant.a nº 10. Natural de Vila-Verde, conc.º de Mirandela, 32 anos, casado, lavradôr. Baixo, atarracado, pescôço grosso, rosto gordo com papeira, ombros largos. Fala com firmeza. Tem 13 anos de serviço, esteve em Africa e tem louvôres na folha e já estava aprovado no ultimo concurso para furriel. Este 1º cabo é o maior problema do processo. Estava ligeiram.te dentro da conjura mas a sua participação não ficou provada com evidencia.

Presenciou tudo na primeira parte dos sucessos até á morte do tenente, com indiferença e por consequencia auxiliando os revoltosos pela sua falta de acção; mas a seguir á morte do oficial tomou subitamente o partido da ordem e veiu em auxilio do 1º sargento da guarda e do furriel de dia e de tal forma que o 1º sargento se communicou, no momento, de que ele fôra o salvador da situação — o que levou, daí a pouco, um oficial a apertar-lhe a mão e a dizer-lhe que assim procediam os bravos. Ele mesmo confessou que esperava os acontecimentos para se pronunciar e explicou que, se o tenente lhe apertou a mão foi porque nessa altura ainda não sabia como as coisas se passaram ... E' a figura dubia do drama; todos os outros tomaram responsabilidades e procederam segundo os compromissos; este jogou com o conhecido jôgo de dois ticos e fez afirmações pouco simpaticas. Daqui veiu que nos deu, ao fazer a sentença, trabalhos enormes: nem se provava que entrasse nos desmandos e violencias e por isso não deveria ser incluido em penalidade maxima, nem estava em condições de ser absolvido ou pelo menos aliviado de culpas. Teve de se recorrer ao artificio de lhe virar a intenção criminosa, mas

imputar-lhe culpa e assim foi a condenação f.ª a jurisão correccional, dando um termo medio razoavel com o qual o cor.el Wanzeller não concordou porque sempre puxava f.ª o arrôxo.

50) Francisco António Branco, 2.º cabo n.º 659 E do regim.to de Inf.ª n.º 10. Natural de Deilão, conc.º de Bragança; 21 anos, lavrador. Face expressiva embora sem nada de regular; má côr, olheiras e sulcos fundos na face, obliquos, dos olhos para as extremidades da boca; olhos pequenos, um tudo nada felinos; ar de pobre diabo, possivelmente arrastado pelos outros. Falava com voz fraca e dificuldades de expressão, apesar de manter a mesma firmeza dos outros. Tinha tiveiras culpas. O cabo Mascarenhas, na altura devida, mandou-o armar, mas ele, dizendo que sim foi para a caserna e meteu-se na cama quando ouviu os tiros. O facto de estar vestido é que o denunciou.

51) João de Deus Fernandes, soldado n.º 697 E do regim.to de Infant.ª n.º 10. Natural de Vila Verde, concelho de Vinhais; 18 anos, lavrador. Creançola, pobre diabo com ar simpatico. Rosto um pouco assimétrico, certa malicia no olhar. Falava com alguns acanhamento, mas com facilidade de expressão. Estava dentro da conjura, as-

sistiu a reuniões, mas não tomou parte nos maiores desmandos; em todo o caso estava armado embora ficasse ao fundo da parada, junto duma escada de comunicação p.ª a sala dos sargentos, se me não engano. O furriel de dia diz q. foi ameaçado por este rapaz, mas as testemunhas poupam-no bastante. Eu tenho dar como não provado o estar armado porq. assim fazia descer para quatro o numero dos armados e desaparecia o crime de coligação; mas não consegui dos outros esta benevolencia que a menoridade do rapaz justificaria. Realmente houve varios soldados que o viram armado e os dois outros juizes firmáram-se nisso e com razão. Fiquei com pena do rapaz porq. tive a impressão de que não teve plena consciencia do que fez.

52) Mario da Conceição Freitas, 1.º cabo musico n.º 561 E do regim.to de Infant.ª n.º 10. Natural da cidade de Santarem, 23 anos, antigo caixeiro. Estatura normal, face ossuda, um bocado rude, testa curta. Fala com facilidade e deu-me a impressão de que com mônha, aliás natural para se defender.. Teve pouca interferencia nos acontecimentos. Sabia do que se tratava, foi aliciado e conversou no Hospi-

3,18

tal com o Sacavem que lhe prometeu vantagens futuras. Assistiu da janela da caserna a parte dos acontecimentos e quando viu o tenente cair, tirou uma toalha da sua caixa e veiu a correr p.ª auxiliar qualquer curativo. Foi ele que, com o tal soldadinho fiel transportou o oficial p.ª cima da cama e o despiu para ver onde estava o ferimento. Como era maqueiro tinha certas instruções de enfermagem.

Começámos com o trabalho da sentença ainda não eram 5 h. da tarde. Foi um trabalho tremendo. Vi o juiz, coitado, apesar da sala estar fria, a suar como no verão... O coronel Wanzeller sem pesar fundamente os factos, queria o maximo para todos; dizia ele q. o País estava com os olhos postos no Tribunal. O auditor, com a serenidade habitual e embrulhando um cigarro grosso, dizia que não sabia fazer justiça com baioneta á vista... Eu mantive aparente serenidade e procurei sempre cortar a atomosfera pesada do ambiente com um ou outro comentario que o coronel não percebia mas o juiz apreciava. Discutimos lealmente; cada um expoz a opinião que tinha; houve momento em que vi a sentença compli-

car-se com a teimosia do coronel em que rer culpar o cabo Guilherme Augusto tan_ to como os outros e assim a decisão seria dada por maioria o que dava impressão desagradavel.

O juiz auditor, quando, olhava para mim, como quem pedia socorro ou uma solução; e depois de argumentação annu_ nal do m.º parte e do juiz lá se chegou à so_ lução que referi quando falei do homem — e o coronel, ainda não convencido, lá se agriétou.

Enfim, depois de cinco horas e meia de trabalho, lá se deu por findo o docum.to que eu assinei com certa convicção, embo_ ra convencido de que se deu a melhor in_ terpretação dos codigos. Eu quereria um pouco mais de benevolencia; mas os ou_ tros dois juizes não pensáram nisso, um, o auditor, por deformação profissional apa_ sar de caracter bondoso; o outro, o Wanzel_ ler, por instrutor militar de defesa e, diga_ se a verdade, por medo de ser mal visto pe_ la actual situação politica.

Foram aquelas horas, para mim, sem querer forçar a nota, um tanto ou quanto dramaticas. Manobrei-me em tensão alta, fingindo serenidade e acabei perfeitam.te exgotado. Estou convencido de que tal

bocado que ha-de ficar impresso na memoria talvez p.ª sempre. Foram 5 horas que valeram por muitos dias.

Ora as condemnações foram:

O 1º. sargento Sacaueu: oito annos de reclusão;

O 1º. cabo Mascarenhas: oito annos de prisão maior celular, seguidos de riste de degredo com prisão no logar do degredo até dois annos; ou na alternativa de 28 annos de degredo com prisão no logar do degredo por dez annos. Creio que é a pena maxima que se póde aplicar;

Os 1ºs cabos Canuto e Fidalgo Affonso: oito annos de prisidio militar ou alternativa de igual tempo de deportação militar;

O 1º cabo Gomes dos Santos: sessenta dias de prisão correccional agravada;

Os 1ºs cabos Pires e Cesar Affonso, a mesma penalidade;

O 1º. cabo Guilherme Augusto: dois annos de prisão correccional e multa de um escudo diario substituida por igual tempo de prisidio ou na alternativa de dois annos de ~~xx~~ Deposito disciplinar;

O 1º. cabo Branco: sessenta dias de prisão disciplinar agravada;

O soldado Fernandes: seis annos e vinte dias de prisidio militar — pena alternativa

Tina, atendendo á sua menoridade; e

O 1º cabo musico Freitas: sessenta dias de prisão militar agravada.

A sentença foi lida com a solenidade do costume; a sala estava cheia de publico e o estrado reservado aplinhado de oficiais, dos principais espectaculos da ditadura que foram ver como se fazia justiça... Notei que não houve um qualquer q. fosse qualquer gesto ou palavra de comentario.

Toda a gente saiu em silencio e os reus pareceram - me indiferentes perante as penalidades, com excepção do Guilherme disposto a quem ri comoção e lagrimas.

Teriamos nós errado? Seria comoção de arrependimento?

Notas soltas p.ª acabar com isto — que já não vai nem tempo:

Um capitão que eu não sei quem é disse - me, no fim, que a sentença fôra bem recebida, que dera todas as graduações ás faltas e que, enfim, estava feita com a maior justiça segundo a opinião de todos os presentes. Parece que os ditadores ficaram satisfeitos...

O coronel Wanzeller apressou - se a dar conhecimento da sentença para o Quartel-General que, por sua vez, esperava

anciosa para dar conhecimento dela ao ministro da Guerra. Tudo isto está muito bem mas o que não acho bem é o ar de subserviencia com que tudo é feito.

O sargento Sacaveu, como acima disse, estava incomunicavel desde o dia da prisão; mas esta incomunicabilid.e não era conhecida oficialmente do Tribunal. O certo é que ele pedia ao presidente Wanzeller p.a falar a pessoas de familia que assistiram ás sessões e, até, no final da audiencia sobre falando á vontade com os calos, durante o tempo em que nós fazia mos a sentença. Ora depois de lida esta, não sei por quais motivos, veiu a saber-se da incomunicabilid.e e aí fica o coronel Wanzeller furioso e «esmagado»! No prim.o momento, irreflectidamente, ia insultando o proprio Sacaveu ao qual exprobrou a falta cometida de, estando incomunicavel, falar com uns e com outros e sujeitou-se a que o rapaz lhe respondesse muito serenamente:

— Eu bem sabia que estava incomunicavel. Por isso mesmo pedia sempre licença a V. Ex.a ...

O coronel caiu em si e correu ao Telefone para a Policia de informações, explicando o sucedido e pedindo desculpa do

engano, que não foi por sua culpa, etc. etc. De lá responderam amavelmente «que se não importasse, que o caso estava suficientemente esclarecido...»

E para terminar:

Já aqui deixei dita a impressão que me causou o depoimento das testemunhas todas transmontanas dos arredores de Bragança. Acrescentei uma nota acerca do tal soldadinho gordo que ficou a guardar o corpo do tenente Rodrigues.

No seu depoimento feito com clareza e rudeza, parece que havia muito de encomendado. Teve frases retóricas sobre os deveres sagrados dos patriotas, ~~[illegible]~~ e sobre a defesa não menos sagrada dos superiores, etc. Disse que ficou a guardar o corpo do oficial porque, pósinho, não o podia levantar sem lhe rasgar a perna ferida e «não havia de o arrastar pelo chão» e acrescentou que daria um tiro a quem tentasse atacar, de novo, o tenente. E como o defensor lhe perguntasse se ele teria escrito qualquer coisa p.ª se não esquecer quando viesse depôr, ele respondeu com rapidez:

— Saberá V. Senhoria que não escrevi nada porque não sei escrever!...

E com certo ar decidido concluiu:

— A coleça é que escreve o que entende e não precisa de tinta nem de caneta!

E ainda mais adeante, quando o defensôr lhe armou uma ratoeira a respeito não sei de quê, o rapaz voltou-se para ele com certa solemidade e lançou-lhe á queima roupa:

— V. Excelencia só de dizer o que quizer que me não obriga a eu confessar o que não vi!

Tudo isto que aí fica acerca do julgamento, são notas um pouco desconexas ao sabôr do nervosismo da ocasião. Deixo dito o principal para se ver não só como as coisas se passáram, mas tambem como superiormente se procedeu no assunto.

Illegalidades, pressas, coacções, etc. etc. Felizmente que nada me passou pelas mãos; do que tive conhecimento veio por intermedio do coronel ou do auditôr, pare ce que havia certo proposito em me afastarem das confidencias. Tenho a consciencia tranquila a tal respeito mas estou convencido de que o coronel Wanzeller deveria ter ordens m.to especiais e quem sabe mais o quê... Como o coronel é pouco esperto (como em regra o bom oficial

de Cavalaria) deixava, por vêzes, antever que nas suas conversas com o brigadeiro Schiappa teria havido coisa grave e grossa. O que seria, não sei, porque não merecia essa "honra", mas é possivel q. ele ainda venha a escorregar em qualquer inconfidencia

Pobre Justiça!

Quem me havia de dizer que entraria numa cêna destas!

O conselheiro Acácio diria, com solenidade, que se fez Justiça; mas eu direi sinceram.te: pobre Justiça!...

Coimbra.

Dezembro: 14.

Desde 3 do corrente que estive de cama. Levantei-me hoje.

O que é que tive? Uma bronquite? Um ameaço de congestão pulmunar?...

Não sei. Foi qualquer coisa de alarmante, a avaliar pela cara do medico.

Fosse o que fosse. O que foi, com certeza, foi sinal de invalidez. E' o principal. E' a decrepitude que começa. A reforma a bater á porta...

Por carta do Pires Monteiro, recebida ontem, o general Feix.a Botelho teve que

3,19

censurar o meu artigo para a Revista Militar com que esta vai abrir o novo ano. Houve que fazer dois córtes...

Viva a liberdade do Pensamento mais a sua legítimo expressão!

O bom do general teve que recorrer ao lapis vermelho para que não houvesse novidade.

Coimbra.

Dezembro: 16.

Vem hoje nos jornais a Ordem do Exercito nº. 18 na qual sou passado ao Quadro da arma conforme pedi ao ministro. Será para bem? Será para mal?

Nestes ultimos dias tenho matutado grandemente sobre o meu futuro que vejo muito escuro.

O que sairá desta trapalhada toda em q. me meteram?

Tive que escrever ao Tomás da Fonseca a seguinte carta:

«Meu caro Am.º: Que lhe hei-de eu fazer? Depois duma semana de humid.e no Porto por causa do julgamento do caso de Bragança, caí na cama com uma forte bronquite ou coisa que o valha e só me

levantei ontem, combatido. Que the hei. de fazer?

Só sairei de casa no próx.º Terça-feira para ir ao Porto onde tenho audiencia em 20 do corrente. Depois, voltarei, mas, durante algum tempo, proibido pelo medico de sair á noite.

Teremos que adiar a conferencia para Janeiro. Estarei, então, liberto do serviço e a residir aqui. Marcarei o dia logo que passem as ferias.

Ando de mal a pior. Estou a ver que dentro em pouco terei que me reformar por invalidez. E' a velhice que chega. Paciencia.

Até breve. Muita saude, etc. etc. »

Coimbra

Dezembro: 17.

O caso já aqui falado do Tenente Silva Marques, tem aborrecido bastante o bom Ferreira Lima. As cartas que me escreveu que revelam a sua boa alma ficam guardadas na colecção. Bastar-lhe a explicar o meu silencio e o caso ficaria arrumado.

E' um bom amigo e um homem sério, casou já se não usa hoje muito. Tenho por ele a melhor estima e m.ta consideração.

Coimbra.

Dezembro: 18.

Escrevi hoje ao Luis Alberto de Oliveira, ministro da Guerra, a agradecer-lhe a m.ª passagem ao quadro e a pedir-lhe p.ª não deixar de deferir o requerim.to que vou fazer solicitando a m.ª mudança de domicilio p.ª Coimbra.

A carta vai amavel sem "engraxar" Que diabo! Os agradecimentos são bem devidos — e não faço nada que não seja o mais elementar dever de gratidão e de boa educação.

Amanhã lá volto p.ª o Porto para assistir em 20 á ultima audiencia. Terminarei com a m.ª missão de juiz (!...) e depois... depois...

O que virá?

Coimbra.

Dezembro: 20.

Cheguei do Porto sem maior novidade alem do tremendo frio que encontrei na cidade invicta e no que tambem encontrei na Estação-velha quando, ha pouco, desembarquei do rapido.

Lá terminei com o meu quadrimestre — o que equivale a dizer que volto á vida parada da m.ª terra, sujeito ás con-

tingencias das birras de qualquer minis-
tro que venha depois deste.

Esperarêmos com paciencia.

A audiencia foi, para mim, a 12ª —
uma duzia completa. Os processos eram
6 (processos nºs 36-41) e os reus foram
sete. Uma enfiada deles, pª terminar.

53) Estevão dos Santos, soldº de 1ª com-
panhia da Administração Militar (Povoa do
Varzim), natural de Carvoeira, concº de Tor-
res Vedras, 31 anos, anbixo trabalhador. De-
sertor pela 2ª vêz; temperamto aventureiro.

54) José Maria de Sousa, soldº do regi-
mento de Cavalaria nº 9, natural de Massa-
relos, Porto; 21 anos, tipografo.

55) Joaquim da Conceição Ferreira, sold.
do mesmo regimento, natural de Leça da
Palmeira, concº de Matosinhos, 21 anos, la-
urador.

Estes dois vieram acusados de se en-
volverem em desordem com o cabo do ran-
cho regimental do que resultou pancadaria
e desobediencia a um sargentos. Bagatelas
resultantes da boa paz...

56) Joaquim Gonçalves Leite Junior, sol-
dado do batalhão de Caçadores nº 3 (Chaves)
natural de Chaves, 19 anos, estudante do
Liceu. Creançola que já teve baixa de pos-
to sendo 1º cabo. Acusado de difamar um

1º cabo a quem atribuiu certo roubo de dinheiro e artigos de uniforme. E vem a Conselho de Guerra um rapazola assim! Eu absolve-lo-ia de bom grado, mas ou outros dois quizeram dar-lhe uns 20 dias de prisão disciplinar — e lá ficou com eles.

57) Armando Alves Pinto, sold.º condutor do regim.to de Infantaria 18, natural do Carvidelo, conc.º de V.ª Nova de Gaia, 21 anos, lavradôr. Acusado de deserção — a eterna falta de deserção.

58) Antônio José Mina, sold.º licenciado do regim.to de Artelharia Ligeira n.º 5 (Serra do Pilar); natural de Urros, Moncorvo; 22 anos, caixeiro. Acusado de não comparecer a uma chamada convocatória em Outubro ult.º p.ª serviço ordinario. Absolvido por se provar q. não foi avisado.

59) Francisco Pereira, sold.º do regimento de Inf.ª n.º 6, natural da Teixeira, concelho de Barão, 36 anos, casado, com 3 filhos, jornaleiro. Um desgraçado, tipo curioso de desherdado que anda acusado de furtos e deserção desde 1918... Desculpa-se com o amor á mulher e aos filhos. Um desgraçado autentico mais digno de estudo psiquiatra do que sujeito a tribunal militar.

Enfim, com esta chave de oiro, acabei a tarefa de juiz.

O defensôr oficioso, por impedimento do capitão Faceira, era hoje o major de Infantaria n.º 18, Armão Ferreira que, no começo, me dirigiu os cumprimentos do estilo. No final dos discursos quer deste quer do promotor, houve as saudações amigaveis do costume, com "boas-festas" e desejos de felicidades.

Depois da sentença, fiz as minhas despedidas e na verd.e fiquei grato a todos.

Do juiz auditor trago, até, as melhores impressões: seriedade, saber, probidade e bondade — o que nem sempre se reune num só homem.

O coronel Wanzeller que vai agora comandar Cavalaria n.º 2, creio que andou sempre desconfiado comigo, mas por fim lá se ia adaptando. As suas curtas vistas de inteligencia não deram p.ª mais...

Coimbra.

Dezembro: 21.

O caso do tenente Vitor Marques aqui tão falado, arrumou-se com a proposta para ser colocado no Arquivo Hist.º Militar. Moveu-se meio-mundo em seu favôr! Por esta malandragem é que toda a gente se interessa.

Coimbra.
Dezembro: 25.

Respondo a uma circular que recebi em novembro passado da Seára Nova, assinada por Mario de Arnaldo Gomes, Antonio Sergio e Castello-Branco Chaves:

«Ex.mo Sr. Mario de Arnaldo Gomes:— Dirijo a V.Ex.ª como primeiro signatário, a recepção da circular de Novembro p.p.; e só hoje o faço por motivos de doença grave. — Tenho o maior prazer em contribuir p.ª o fundo de reserva a q.ª se refére a circular; só lastimo o não poder contribuir com o que desejava. Quatro anos de afastamento do serviço e um ano de serviço fóra de casa, deixaram-me a contribuir só com 100$00 que remeto inclusos. — Desejo á Seára as maiores prosperidades e creia-me V.Ex.ª, assim como os outros signatarios, com a maior consideração, m.to at.º, etc. etc.»

A Seára anda sempre aflita com falta de dinheiro. A guerra que lhe fazem é grande, os assinantes não são muitos por causa do medo e, com franqueza, não sei se administração do Camara Reis será a

melhor — não por falta de vontade ou por menos seriedade, mas simplesmente por não ter grande geito para tais generos de trabalhos.

Coimbra

Dezembro: 26.

Escreveu a seguinte carta ao Ernesto de Melo, funcionario de Finanças de Beja fiel e dedicado investigador da Historia local. É' sujeito curioso, com certa instrução historica e literaria, prejudicado embora pela sua vida particular — cheia de anedotas foricarescas que a mulher, galdéria amarita, tem conseguido acumular p.ª gaudio dos soalheiros da terra. É' verdadeiramente um marido á Paulo de Kock, com o que parece não se importar muito por aí alem.

É' homem feliz.

Ora aí vai a carta q. afinal não me receia registo se o destinatário não fosse quem é.

«Ex.mo Sr. — Informo-o de que recebi dois opusculos com q. V.Ex.ª me quiz honrar. — Quem, como eu, perdeu uns 20 anos ao redór da historia dum concelho quasi sem historia, avalia bem o q. são

trabalhos semelhantes; por isso agradeço reconhecido a atenção de Vlcê. e felicito-o pela publicação de duas tão importantes achegas para a hist.ª de Penafiel. — Em breve irei a essa Terra fazer as minhas despedidas; nessa altura, pessoalm.te, intregarei a Vlcê. duas bagatelas minhas e renovarei os meus agradecimentos. — Até lá, disponha Vlcê., etc. etc. »

Coimbra.

Dezembro: 29.

Extracto duma carta a meu Tio José Aug.to Pimenta:

« ... Largo Penafiel com certa pena. Fui lá estimado e deixei amigos, assim como encontrei no comand.te da Região (o brigad.º Schiappa de Azevedo) uma creatura com quem podia contar e que me encheu de atenções — o que aqui, em Coimbra, não acontece.

« O prejuizo, na m.ª actual situação, é menor do que se continuasse em Penafiel; perco pouco mais de 100$00 e conquisto uma certa independencia. De mais a mais, a situação politica será cada vêr piór para a m.ª maneira de ver e o caso de Bragança que eu julguei numa an-

diencia que durou quatro dias (e que não era nada do que ao começo se disse) deixou-me apreensivo sobre o futuro. Só uma conversa reproduziria a impressão que me deixou a revolta de cabos organizada á maneira de Cuba e que por todo o País teve extensões maiores ou menores. (Isto é confidencial, é claro). O de Bragança, como deu uma morte, veio á supuração; aos outros... deram-lhe tintura de iodo para recolher, como se faz aos furunculos quando se anunciam. O exercito ficou mal ferido e o veneno não foi eliminado com certeza mesmo a repressão violenta dá resultados.

«O julgamento fez-se normalmente e a interpretação das leis penais creio que foi justa; mas aquilo foi aviso terrivel q. julgo não teria sido compreendido superiormente.»

. . . . . .

Coimbra.

Dezembro: 31.

Termino hoje o quadrimestre no Tribunal e com ele este periodo de serviço activo.

O balanço do quadrimestre não me é favoravel quanto a saude. Não me

dei bem no Porto e talvez, tambem, com as constantes idas e vindas. Quanto a vencimentos, vá lá, ainda ganhei alguma coisa — mas não sei se valeria a pena.

Algum dinheiro cresceu, é certo, destes quatro meses de ajudas de custo:

Total das ajudas de custo	3:736$00
Despesas no Porto	958$00
Saldo	2:778$00

Ainda ha que descontar neste saldo a despesa com a ida a Caldelas que eu não faria se não tivesse aquelas ajudas de custo.

Saldo supra	2:778$00
Em Caldelas	960$00
	1:818$00

Este é que vem a ser o ganho verdad.º em dinheiro, porque, das aguas, creio que o resultado não seria grande.

Enfim: contratempos e má sorte — que é, afinal, o balanço da m.ª vida.

Adeante.

P

— 1934 —

Coimbra.

Janeiro: 1.

O ano começou por um lindíssimo dia de sol. Geada de manhã, certa humidade janeirenta á tarde, frio á noite.

Para mim, começou duma maneira curiosa. Ao vestir-me, veio o correio que trouxe as provas do artigo de abertura da Revista Militar; e como o Pires Monteiro dissera que o general Teixeira Botelho cortara duas frases mais contundentes, foi logo ver, com certa ânsia.

E o que foi cortado? E' ver, para acreditar:

Na frase: «... quando os egoismos "e a ferocid.e dos homens e das nações pre"tenderam subverter todas as conquistas "f.as a Liberdade ...» — foi cortado o final: «... para a Liberdade.»

E no fim do artigo, quando dizo sem má intenção: «... Que a Revista viva mui "tos anos!... e que seja recanto de ami"gos onde haja paz bemfazeja e benefico "ambiente de Liberdade.» — foi também

cortado o melhor, o «benefico ambiente de Liberdade.»

O pobre do general Teix.ª Botelho teve mêdo que a palavra Liberdade, e de mais a mais com maiuscula, incomodasse os nossos dirigentes; e como a Revista não vai á censura, receiou complicações e cortou-a.

Do artigo desapareceu, pois, a palavra Liberdade... E celebro eu, com bom humôr, a vitoria do Liberalismo de ha um seculo!...

Ora isto ia-me incomodando, um pouco; e, durante o dia o caso deu-me que pensar. Resisti, porem, e fiz o possivel para esquecer... a Liberdade suprimida.

Coitado do general que, no fim de contas, é um velho liberal e bem discordante desta situação q. nos domina!

Agora, á noite, p.ª compensar, tive a visita do Vitorino Nemesio que me veiu ler o prefacio do seu novo livro sobre Herculano (que será a dissertação p.ª o doutoramento) e o dum outro em que publica uns ineditos do historiador.

Pareceram-me bem feitos, tanto quanto a má leitura do autor me deixou compreender. O rapaz tem merecimentos;

o retrato de Herculano feito atravez dos testemunhos coevos parece-me bem feito. E foi o que me valeu, neste começo de ano.

Posso ir dormir mais satisfeito embora sem Liberdade...

Coimbra.

Janeiro: 4.

Recebi hoje resposta, assinada pelo Camara Reis, á m.ª carta de 25 de Dezembro ultimo, p.ª a Seara Nova.

Vem m.to amavel. Fica arquivada.

Coimbra.

Janeiro: 10.

Fui hoje ao Porto, com tenção de seguir p.ª Penafiel. O tempo, porem, sobre a tarde, apareceu com má catadura e eu, com receio, voltei para traz.

Em todo o caso, despedi-me do brigad.º Schiappa e do pessoal do Tribunal Militar.

O brigadeiro disse-me que tinha sempre a porta aberta para mim, desde que eu quizesse voltar p.ª a Região; teve palavras m.to amaveis e lastimou, polidamente, a m.ª saída. Eu agradeci, aludi vagamente ao caso da chamada de ha um ano, sob acusação de conspirar em

Pessoal e ouvi-lhe referencias ao administrador do concelho que me deram a impressão de q. foi ele, administrador, que levantou a lebre.

O administrador é o tal capitão Coelho dos Santos que o Cripado chegou a dizer-me ter a razão perturbada e ser, por consequencia, um irresponsavel...

Eu ouvi e calei, é claro; não tive eu rapaz de dizer que se o homem é irresponsavel, não deveria estar á frente do concelho como está e com a confiança completa das autorid.s superiores. Mas o dito fica aqui como indice do que valem certas autoridades da Ditadura.

Quando me despedi e lhe disse que não sabia como corresponder a tantas atenções dele e que gostaria muito, um dia, poder ser-lhe util, o cripadeiro teve uma frase gentil:

— A sua cooperação é-me sempre muito util. Quando quizer será recebido de braços abertos.

Fiz uma vénia anuanel e saí.

Não sei até que ponto será sincera a amabilid.e do Schiappa de Azevedo. No entretanto quero crer que me aceitaria sempre de bom grado.

Coimbra.

Janeiro: 11.

Ha dias recebi o nº. 1 do II anno da revista do Conselho de Arte, a Arte e Archeologia, onde veem o meu trabalho acerca dos Oleiros de Miranda do Corvo.

No final do vol.º vem uma noticia da morte de Ant.º Augusto Gonçalves e do dr. Augusto Mendes Simões de Castro. Noticias simples, em meia duzia de linhas, como de qualquer local de periodico politico ou noticioso.

Aquele Vergilio Correia!...

Os jornais da terra dão a nota da saida da revista e dizem mentalis mutandi o que a Gazeta de Coimbra disse e que fica aqui arquivado p.ª memoria.

São discretos e concisos.

Bibliografia

«Arte e Arqueologia»

Saiu o n.º 1, do 2.º ano, desta esplendida publicação.

Não é preciso encarecer o seu mérito.

Para se avaliar como merece leitura atenta e cuidada, bastará dizer que neste numero de *Arte e Arqueologia,* colaboram os srs. Dr. Vergilio Correia, com um importante artigo sobre «A Praça de Sansão e o Mosteiro de Santa Cruz em 1796», tenente-coronel Belizário Pimenta com um artigo sobre os «Oleiros de Miranda do Corvo», João Amaral sobre «Papeis pintados» e padre Nogueira Gonçalves sobre «O Castelo de Avô».

Ainda este numero de *Arte e Arqueologia* insere, na sua secção «Vária», noticias alusivas a assuntos de arte e presta homenagem aos nomes de dois ilustres conimbricenses: António Augusto Gonçalves e Augusto Mendes Simões de Castro.

E', pois, um numero que não pode deixar de ser recomendado a quem se interessa por assuntos de arte.

3,23

Coimbra.

Janeiro : 20.

- Anté-ontem, tentativa de revolução comunista — com bombas, descarrilhamentos de comboios, etc. etc.

Lembrei-me do caso dos cabos de Bragança e mais partes que devia andar ligado com estes últimos sucessos.

Barafundas e mais barafundas. E o governo, p.ª não perder o hábito, aproveita o momento para fazer ameaças a torto e a direito, aos que teem culpas e aos que as não teem. Eem nota oficiosa publicada hoje nos jornais vem este trecho q. vale a pena fixar :

« Foi resolvido promover a demissão dos funcionarios publicos civis e militares q. professem ideias cuja propaganda é proibida e punida pelo decr. n.º 23.203, não podendo ser nomeados de futuro p.ª cargos publicos os individuos q. não deem segura garantia de defender os principios fundamentais da organização social consignados na Constituição da Republica. A mesma condição será exigida p.ª qualquer acesso ou melhoria de situação. »

De modo que estes atentados comunis-

tas serviram de pretexto excelentemente para tentar fazer a limpeza do funcionalismo militar e civil.

Cá fico esperando o convite.

Coimbra.

Janeiro: 28.

Novamente doente. Outra vêz de cama com uma especie de "grippe" que julguei se transformasse em recaída da bronco-pneumonia de ha um mês.

Não ha duvida de q. a invalidez bate á porta. E com o tempo irregular que está, terei de requerer uma redoma para me protejer melhor.

Não sairei de casa por estes dias e sinto-me encaminhado p.ª o grande sorvedoiro dos verbetes e folhas acumulados a respeito de Miranda do Corvo a que terei finalmente de dar atenção p.ª que aquilo, um dia, não seja simples papel para deitar fóra...

E tanto tempo consumido e com tão boa vontade!

Mal empregado esforço feito, e mal empregado dinheiro gasto...

Chegou-me hoje o num.º da Alma Nova, da Lousã, publicada ontem, que

traz a respeito dos meus Oleiros uma noticia muito curiosa que vale a pena arquivar como padrão do nosso noticiario critico.

Oleiros de Miranda do Corvo

O ilustre oficial do exercito e nosso prezado amigo sr. Tenente Coronel Belizario Pimenta acaba de publicar na revista *Arte e Arquelogia*, um bem elaborado e muito interessante artigo sobre a olaria em Miranda do Corvo, com os nomes de muitas dezenas de oleiros que desde o seculo XVI nela trabalham.

Pobres diabos... O intelecto não lhes dá para mais — e vá la q. poderia ser piór. E gastei eu tanto tempo e dinheiro...

Coimbra.

Fevereiro: 14.

Por uma nota que me mandou o ten.te Arnaldo Vitor Marques (de quem anteriormente falei a q. afinal se encaixou no Arquivo Hist.o Militar) vê-se que o meu relatorio da campanha de 1919 contra os monarquicos, no Vouga, não está na caixa respectiva. Isto é: desapareceu...

E vê-se, tambem, pela mesma nota que o Mendes dos Reis, q. foi o comand.te do meu Destacamento, me propoz para a Torre e Espada!... Como as coisas são! Eu, proposto para a Torre e Espada!...

Confirma-se o que se dizia então: que o Mendes dos Reis queria ter promoção por distinção ou qualquer honraria grossa e por isso propor a Torre e Espada para os seus imediatos subalternos.

Fraquezas humanas

E será verdade que o meu relatório é que foi o causador de não aceitarem a proposta? Como ele desapareceu, pode ser que seja verdadeiro o boato que ao vento se espalhou e que, como todos os boatos, deixou sempre rastro.

Coimbra.

Fevereiro: 17.

Fui hoje a Miranda do Corvo por umas horas. E comecei a reconciliar-me com a paisagem destes meus sítios.

Depois dum ano passado no Minho, e em região das mais belas, encontrava nesta paisagem coimbrã, certa pobreza e certa tristeza. Da exuberancia minhota vinha o contraste com esta seriedade. E nos primeiros tempos, confesso, não me adaptei ao subtil prazer da contemplação deste ambiente sossegado.

Hoje, porem, em Miranda, ao olhar para o vale que corre até ao Pé da Serra, vão calmo, vão doce, visto da encosta do Ou

teiro das Maias, senti as boas e antigas impressões e quasi me reconciliei...

Aquele vale é belo e enternecedôr e p.ª mim tem um encanto subjectivo — que será talvez a maior belesa de todas as paisagens.

Coimbra

Fevereiro: 21.

Carta que tive que escrever ao Dr. Joaquim de Carvalho:

«Ex.mo Sr. Dr.... — O nosso amigo Ferreira Lima em cartas sucessivas lastima-se da lentidão com que o n.º 4 do Boletim do Arquivo Histórico está a ser impresso e preocupa-se com o facto de a verba que tem para este volume ser arrecadada se ele no fim do ano economico não estiver na rua. — A contabilid.e do nosso ministerio é assim que procede e deste modo ficaria o Ferreira Lima impossibilitado de, para o ano de 1934-1935 publicar novo volume. — Eu sei q. na Imprensa ha muito que fazer; o José Alves já me expoz as dificuldades com q. luta; mas V... não poderia dar um geito qualquer ao problema? — Aqui fica o pedido, conforme os desejos do F. Lima e q. me interessa tambem como vogal da Co-

missão de Hist.ª Militar; e V... de certo fará-lo-ha com a atenção que merece. — Desculpe este incommodo assim transmitido, porq. não sei bem como encontrar V.... — E creia-me, etc. etc.»

Coimbra.
Fevereiro: 23.

Chegou hoje o 1º numero deste anno da Revista Militar onde vem o meu artigo de abertura que substitui «1834».

Lá faltam as duas palavras liberdade conforme os desejos da direcção. E como novidade traz logo abaixo do cabeçalho uma nota que não tem vindo nos outros numeros: «As doutrinas expostas são da "responsabilid.ª dos seus autores.»

Terá esta nota sido provocada, como boa cautela, pelo meu artigo que, por isso, segue logo adeante?

E' possivel.

Coimbra.
Março: 7.

Nos jornais de hoje vem a noticia de uma festa que fizeram em Hamburgo á escritora e romancista Luisa Ey a proposito dos seus 80 annos e das felicitações que foram de Portugal juntamente com a co-

menda de Santiago que o Governo lhe conferiu. A noticia vem assinada por M. Paiva Boléo, actualmente leitor de portuguez na Universid.e de Hamburgo, um dos mais salientes directores, enquanto estudante, do Centro Academico Democracia Cristã mais conhecido pelas iniciais C.A.D.C.

Ora o que ha de mais tocante na manifestação é a oferta dum cesto de garrafas de vinho do Porto com bandeira azul e branca... Mas p.a compensar, ofereceram outro cesto com «a bandeira da Republica» e explica o noticiarista q. a outra era «do tempo em q. Frl. Ey esteve em Portugal...»

Tocante lembrança e tocante explicação!...

Ainda bem que se explicou o caso: a bandeira azul e branca era a do tempo em que a escritora esteve em Portugal; a outra é... «a da Republica.»

Ainda bem, sr. Paiva Boléo.

Coimbra.

Março: 12.

Consegui do director da Biblioteca da Faculd.e de Letras que é o Ferrand Pimentel de Almeida que trocasse com a Revista Militar o seu boletim cultural que tem por nome Biblos. As trocas já começáram

e eu já vi na mesa central da sala de leitura, entre muitas outras revistas portuguesas e estrangeiras, o últ.º fascículo da Revista Militar.

O Fernando Pimentel de Almeida, desde a m.ª destituição de presidente do Conselho de Arte e Arqueolog.ª andava um pouco arredio, evitava falar-me. Eu não fazia caso e até lhe achava certa graça; e quando me dirigi, um dia, f.ª a consultar acerca da troca das revistas, ele desfez-se em atenções e facilidades. Pensaria até que eu não sabia da intervenção dele naquele episódio do Conselho ou outro que ... eu era parvo.

Podia escolher à vontade qualquer das hipóteses. É-me indiferente.

Coimbra.

Março: 14.

Segue-se uma longa carta para o médico Vítor Faustes, que foi amigo e protegido de meu cunhado Costa Ferreira e era o médico assistente da família enquanto esta viveu em Lisboa.

Deixo-a aqui copiada porque para futuro poderá ainda servir, apesar de ser documento desagradável. Mas estes meus soberbinhos são creaturas extraordinarias — e é bom guardar lembranças

3.23

que o tempo dessiparia da memoria e se não poderiam reconstituir.

Aí vai a carta:

« Exmo Sr. Dr. V. F. — Sei que V... anda preocupado com doença de pessoa de família e por isso peço que desculpe esta carta. Porem, como meu sobrinho Henrique[1] vai procurar V... hoje ao anoitar, entendo q. devo dizer a V... confidencialmente algumas coisas acerca dele que meus olhos verão a Mãe dirão e que poderão influir no julgamento. E tudo isto vai porque sei que V... é sincero amigo deles. — O Henrique anda ha algum tempo mt. desarranjado de cabeça por motivos q. desconheço mesmo posso apreciar como leigo que sou no assumpto. Mas esse desarranjo acentuou-se com rapidez assombrosa desde q. a Mãe saiu do Sanatório e passou a viver com ele. E' um facto observado por mim ha muitos annos, de as suas excitações se darem com a coincidencia matematica. Noutros tempos, quando viviam em Lisboa e nas ferias elle vinha, uns tempos antes, p.a casa dos Avós, o Henrique era um rapaz normal, moderado e bom disposto, vivia com a maior

---

(1) Henrique Pimenta da Costa Ferreira.

urbanidade; mas bastava q. chegasse o dia em q. a Mãe vinha, p.ª que se transformasse e aparecesse o seu temperamento violento, sêco, com máus modos; o proprio olhar era outro, com miradas estranhas, um tanto ou quanto tôrvas. A vida q. m.ª Irmã levava era horrivel e depois de viverem em Coimbra vim a saber que ele, em certas ocasiões de excitação a magoava com apertos nos braços, uma vêr até no pescoço — e em geral com maus modos de mistura com ternuras incompreensiveis. Minha Irmã encobriu isto tanto quanto poude; mas eu alguma coisa vim a saber e o seu enfraquecim.to de que veiu a tuberculose foi a consequencia de todas as privações por que passava e do martirio que deveria ter sido uma tal vida. — Enquanto minha Irmã esteve no Sanatório, o rapaz viveu numa "republica" e embora sem o conforto da casa, passou todo o tempo bem, sem qualquer alteração visivel; vinha comer a casa de m.ª Mãe e era outro muito diferente — com excepção das horas da visita ao Sanatório onde ia fazer queixas do seu mal estar e censuras á falta de dinheiro. — Depois que m.ª Irmã veiu para casa de m.ª Mãe e que de novo

vivem juntos, o seu temperamento doentio começou a manifestar-se — e especialmente ha uns dois meses a vida ali é insuportavel e eu receio que a saude de m.ª Irmã se ressinta (se não se ressentiu já) e que m.ª Mãe, com 88 anos, venha a sofrer com os constantes sobresaltos em que vive. Porque, ultimam.te, não é só o tom violento e as objurgatorias rudes por dá cá aquela palha: o Henrique tem tido acessos de loucura q. levam tempo a dominar, q. eu tenho acalmado conforme posso mas que trazem toda a familia em estado de nervosismo (e até medo) que não póde continuar. E como ele tem a obsecação de sair de Coimbra e em especial da casa da Avó, esse o motivo porque eu e m.ª Irmã resolvemos manda-lo para aí, como medida urgente e indispensavel. Eu ando sob o peso e o medo dum acontecim.to grave e funesto. Só visto de perto e constantem.te como eu, desde q. vim de Penafiel ha meio ano aproximadamente. — Não sei o que dirão os entendidos; mas eu creio que ele não pode viver aqui, pelo menos agora. Quando vem a m.ª casa é uma creatura interessante, discute e discorre com inteligencia e lucidez sobre qualquer assunto; com outra pessoa ou noutra qualquer

casa, o mesmo. É estimado entre os estudantes e apreciado pelos professores; mas mal entra a porta da casa de minha Mãe, o olhar é turvo, os modos são mais vivos, tem no todo uma inquietação suspeita. Eu ha bastantes dias que quasi o vigio quando sei q. ele está em casa; chamo-o para minha casa com pretextos futeis; insinuo-lhe um passeio, uma sessão de cinema, etc. Mas tudo isto é precário... — Agora reparo que estou a escrever de mais; V... tem preocupações legitimas e tem q. fazer. Mas creio que estas informações não seriam fornecidas nem por ele nem pela Mãe. E parece-me que não se devem pôr de lado estas m.as indicações talvez mal expressas porq. são ao correr da pena, mas exactas. — A situação é terrivel; e V... como velho amigo de todos, creia que grande beneficio fará, especialm.te a m.a Irmã, promovendo, de qualquer modo, o afastamento temporário do Henrique e, possivelmente, o seu internamento em qualquer meio onde se modifique tanto quanto possivel, o seu estado actual. — Mais teria que dizer. Não quero, porem, abusar. Desculpe V... todo o aranzel e creia-me, etc. etc. »

Aqui fica este estendal infeliz. Mas a vida é o que é.

Deixar ficar, pois, o estendal.

Coimbra.

Março: 17.

O numero da Alma Nova da Lousã chegado hoje, começa a publicação dos meus Oleiros de Miranda do C.º, em folhetins, sem mais nem menos!

Uma simples noticia participa o facto sem ao menos vir acompanhada da frase sacramental «com a devida venia» ou outra qualquer semelhante.

Liberdades... da Imprensa.

Coimbra.

Março: 29.

Nos jornais de hoje vem uma mensagem do patriarca Cerejeira á mocidade portuguesa.

Linguagem "maricas" e ao mesmo tempo empolada; lindas promessas, lindas palavras e grande rônha por detraz de tudo...

As intenções devem ser tenebrosas! Percebem-se bem, e só os parvos as não vêem. Mas, enfim, quem as fez que as desfaça. Eu sinto-me no palanque, co-

mo se costuma dizer, a ver as tourinhas de graça. E' triste o dizer isto — mas parece-me que é a unica atitude possivel perante o carrinho que as coisas levam.

E a proposito, não só p.ª desopilar como tambem p.ª confrontar o que acima digo, fica aqui, colado, um excelente modelo do que póde a idolatria salazarista. A vila de S. João da Madeira manifesta-se assim: até aqui só exportava chapeus e resinas; agora exporta profissões de fé...

VIDA POLITICA

Uma profissão de fé salazarista

O sr. ministro das Obras Publicas e Comunicações recebeu ontem o seguinte telegrama:

«*S. João da Madeira*—A ponte sobre o Tejo, diadema formoso, veio coroar a obra singularmente patriotica da restauração da Marinha de Guerra e da construção do Arsenal do Alfeite, portos, estradas, telefones e Estadio Nacional. Comovidos pelo vosso portuguesismo, fazemos soler a profissão de fé Salazarista e bradamos: Pelo sr. ministro das Obras Publicas! por Salazar e por Portugal! Arraial! Arraial! Arraial!—(a a) Augusto Fernandes, Joaquim Almeida, Valeriano Frutuoso, Manuel Vieira, José Tovar, Rodrigo Correia, Joaquim Pais Vieira, Augusto Pinho, Benjamim Palmares, Guilherme Silva, Daniel Costa, Jorge Silva, Manuel Pinho, Belmiro Silva, Manuel Bastos, Castro Lira, Pedro Palmares, Gabriel Dias Junior, José Guimarães, José Miranda, Americo Pinho, Joaquim Pinho e José Bastos,

Coimbra.

Março: 30.

Ha dias, no numero da Gazeta de Coimbra de 27 deste mês, o dr. Vergilio Correia respondeu a um artigo de certo estudante que lhe contestou qualquer afirmação acerca da torre de Santa Cruz que ainda existe e das outras que desappareceram.

Nesse artigo empurra a resolução do problema para varios e entre esses varios "sabios" e um seguindo lugar, apare-

ço eu como autoridade no assunto!...

Que mosca morderia o Vergilio Correia para me acusar assim de sabedôr da situação das torres desaparecidas? Parece-me lisonja de mais, com a agravante de faltar à verdade. Eu nunca me interessei pelo diabo das torres de S.ta Cruz que desapareceram, torres, valha a verdade, de cuja existencia creio não ter ainda suspeitado.

Enfim, amabilidades.

Aqui fica o extracto do artigo:

Onde estavam situadas, precisamente essas torres; por onde passavam os muros da cêrca forte do Mosteiro? A resposta nem sempre será fácil, e recomendo-a aos que algum tempo teem reservado ao estudo da topografia antiga da cidade: o mestre Doutor António de Vasconcelos, Belisário Pimenta, Abel Urbano, Brito e Silva, Amadeu Ferraz de Carvalho, Alberto Pessoa, Nogueira Gonçalves, Rocha Madail, Pinto Loureiro, etc, grupo escolhido de eruditos que podia encarregar-se de completar a contribuição preciosa que Aires de Campos proporcionou neste campo.

Lisboa.

Abril: 6

Estou em Lisboa desde ante-ontem; e cada vez me está a desagradar mais a cidade de marmore...

Passado o Ribatejo com as belas lezirias, comecei a sentir certo mal estar; ao entrar o comboio nos bairros novos, na altura de Entre-Campos, uma certa opressão se acentuava; e ao chegar ao Rossio e ao ver, da plataforma da saída, o Castelo, a Graça, a turba-multa na baixa, no afan do

costume ou no ocio mais costumado ainda, então o mal-estar aumentou e cá o tenho, com peso no lado esquerdo e alguma tensão nervosa. Etc. etc.

O ar desta gente que se vê nas ruas é horrivel: ou a gravidade dos asnos que por viverem na capital se julgam alguem ou o egoismo dos máus. As mulheres juntadas como cortesãs e ao mesmo tempo enorme quantidade de tipos miseraveis, masculinos e femininos, a atestarem a abundancia e a felicidade que o António Ferro apregôa aos quatro ventos.

No Quartel-general onde fui deixar o meu passaporte de autorização, então o padrão é superior: os sargentos não se levantam perante a certeza de que sou um tenente-coronel; ficam comodamente sentados; e os oficiais é claro mais comodamente se deixam estar. Uma boa paz e uma boa harmonia!

Mas o exercito, dizem os arautos da situação politica actual, nunca esteve tão disciplinado.

Tudo isto me faz uma grande impressão que de certo o lisboeta puro classificaria de «provincianismo» — mas que deverá ser antes da inadaptação a esta vida falsa cheia de miserias morais.

E depois... a familia. Meu Tio José Augusto Pimenta, sempre o mesmo: pronto para dar conselhos e para malsinar todas as intenções, apregoando o seu bom-senso e os seus serviços, mas aváro em remedios praticos. Ontem, exaltei-me um pouco com ele; e fiquei irritado comigo por me ter deixado exaltar. Tive uma noite de mau sôno, com pesadelos, em que a discussão havida me aparecia sempre debaixo de varias formas.

Etc. etc.

Cada vez mais desejoso de fugir ao mundo: encontrar um Vale-de-Lobos onde me acoite e onde ninguem me procure e onde possa, de vêr, esquecer toda a gente.

Infelizmente, Vale-de-Lobos é ponto ideal — onde se não chega.

Lisboa.

Abril: 9.

Fui no sabado á exposição de Belas-Artes. Salão quasi deserto. Conjunto exposto talvez um pouco pobre. Deu-me a impressão de q. não havia ali qualquer amostra de génio. Paisagens e retratos, pouco mais. Parece que agora ha a preocupação de se tornarem imortais pela pintura: homens, rapares e meninas, todos em atitudes pro-

grias para passarem á Historia: os ho. meus mais ou menos graves, ar reflec. tido, á procura do melhor geito para garan tir a posteridade... em tela; as meninas, sentadas em almofadas e estofos, á orien tal, com a cavadura a meter-se pelos olhos pecadores dos visitantes...

E o mais curioso da exposição é uma salasinha no 4º andar para onde arrumá ram algumas insignificancias e os mús escandalosos, futuristas, controversistas de mais para a honestidade media dos pais de familia. Um quadro, entre, sái fora das marcas, com um rapaz nú, mos trando todos os atributos do sexo, a apa nhar fruta duma arvore, enquanto uma rapariga, vestida, calçada e com leno a emberulhar a cabeça, dá de mamar a uma creança junto dum cabaz de merenda. Um idilio cuja significação não compreendi.

O que quereria dizer o artista? Concep ção elevada, fermentura, mas que eu não atinei.

Lisboa.

Abril: 12.

Voltei hoje á Torre do Tombo para ver se era capaz de dar conta dos meus Capi taes-mores de Miranda do Corvo.

Encontrei aquilo mudado : a delicadeza do pessoal é extraordinaria, em especial das mulheres encarregadas da sala de leitura. Que teria havido ?

De certo, as muitas queixas talvez em quasi todos os leitores e a comparação com os outros arquivos e bibliotecas onde se atende o publico com atenção e interesse. A chefe da sala, uma dama loira-russa, com restos de beleza de espalhafato, não se houve responder ao que eu queria, disse-me com elegancia teatral :

— Tenho imensa pena em não saber responder a V... ; desejava bem que V... ficasse orientado, mas não sei faze-lo... O melhor é ir ao sr. Director que está sempre pronto para atender os Ex.mos Leitores...

E o certo é que fui ao gabinete do António Baião, para saber que livros teria que consultar p.a apanhar os meus capitães-mores. Sim senhor !... A Torre do Tombo está mudada, quasi de pernas p.a o ar.

Ainda bem. Já agrada a consulta — o contrario do que me acontecia ha tempos relativam.te proximos, quando o leitor, ao entrar na sala, era olhado como inimigo.

Sim senhor ! Qualquer muôsca mandaria a direcção e o pessoal...

Lisboa.

Abril : 13.

Houve hoje assembleia-geral da Revista Militar a q. fui assistir.

Fiquei com a impressão de que ainda há, felizmente, recantos onde as ideias do Estado Novo não entraram e assentaram arraiais. Senti-me bem naquele ambiente onde a chegada do general Norton de Matos foi acolhida com respeito e certo carinho e onde teem influencia o general Ferreira Martins, o Pires Monteiro, o Pereira da Silva, o Botelho de Sousa. O proprio general Teixeira Botelho, presidente, me acolheu com simpatia e me falou do artigo que saiu no 1º numero deste ano; pediu-me desculpa da censura feita porque as ordens recebidas consideravam «subversivas» quaisquer ~~[illegible]~~ comemorações das lutas liberais de ha um seculo; e observou-me que o final do mesmo artigo, tal como ficou, não correspondia infelizmente á verdade pois a minha frase que desejava á Revista um largo futuro e que fosse um campo neutro onde todos se podessem encontrar não podia ser senão uma expressão minha de desejo e nada mais. A actual situação, continuava o general, como é a reparação do Liberalismo e por consequencia da livre critica, teem

feito com que a Revista seja uma instituição difícil de aguentar e que o ministério da Guerra não quere que seja mantida mas sim integrada absolutamente no Novo Estado.

Enfim, sentí-me bem em tal ambiente. Ainda ha quem se não curve.

Lisboa.

Abril: 15.

Hoje foram profusam.te afixados nas esquinas e paredes de Lisboa, cartazes contra o Comunismo, contra a Maçonaria e a Democracia. Um deles apresenta um operario esforçado com a legenda: «Operarios! eis o que é o Comunismo!» Outro, apenas com 3 rodas dentadas das quais uma simbolisa o Comunismo, outra a Maçonaria e outra a Democracia; entre os dentes de duas das rodas ha uma bolasinha, simbolisando, como grão de areia, a Associação Escolar da Vanguarda (que é a autora oficial dos cartazes e que o ministerio da Guerra não quer que seja mantida mas sim integrada absolutam.te no estado novo) a emperrar o «mecanismo infernal.»

É curioso e não ofende. O que não sei é se comunica.

Lisboa.

Abril : 19.

Estive hoje no Arquivo Hist.º Militar onde falei casualmente ao general Vitoriano José Cesar.

Recebeu-me mt.º bem, com deferencias até, mas deu-me a impressão de que vai a caminho de gá-gá muito acentuadam.te Expuz-lhe o estado dos meus trabalhos, falei-lhe do Saldanha, do atraso dos nossos estudos militares — e ele ouviu com atenção mas com ar de quem me achava um inovador possivelmente perigoso. E a propósito contou-me algumas anedotas...

Anedotas a propósito do Saldanha, a propósito do Liffe, a propósito de Wellington e... mais nada. Só anedotas. Apenas de concreto disse-me que ia ver se conseguia do ministro da Guerra uma verba de 10 contos no futuro orçamento, p.ª trabalhos de cópias de documentos entre os quais os contidos nos códices manuscritos da Universid.e que eu estou a sumariar e a catalogar.

Vamos a ver se vem algum dinheiro q. compense o trabalho.

E é este melhote o presidente da Comissão de Historia Militar!

Polere velhote que ainda vive no bom periodo das anedotas!...

Ontem, no Porto, a oficialid. da 1ª Região M.ar ofereceu uma espada de honra ao Schiaffa de Azevedo, por ter completado 4 anos no comando da mesma.

E' uma inovação curiosa, está, de comemorar quadriénios — mas, enfim, está na moda e não faz mal a ninguem.

Mandei ao Schiaffa um telegrama curto mas amavel que, afinal, vinha certa obrigação de mandar.

Lisboa.

Abril: 20.

Fui hoje á Biblioteca Nacional para consultar o Boletim Cartista de Coimbra.

Demora na entrega do livro. Pessoal do catalogo, amavel; mas o da sala de leitura razoavelmente grosseiro. Quando me dispunha a tomar notas com a caneta de tinta permanente, fui advertido de que o não podia fazer, mas só com lapis... Protestei e disse que não trazia lapis e mesmo que o trouxesse não me sujeitava á imposição.

Deixei o livro e saí da sala, mas escrevi ao Marqueita de Figueiro que lá é li-

bliotecario, desabafando e protestando.

Aquele «Veiga das curvas»[1] ha-de fazer das suas na direcção da Biblioteca. E o certo é que fiquei sem a consulta que queria.

A' tarde, fui ao ministério da Guerra falar ao ministro, ao Luis Alberto de Oliveira, conforme ele insinuou quando cá estive em Novembro passado. Procurei um ajudante a quem disse os motivos da visita; mandou-me entrar p.ª a sala que estava cheia de pretendentes, entre os quais oficiais fardados que olháram com ar agresivo para este pobre recenchegado modestamente vestido e desconhecido. Daí a uns 5 ou 10 minutos, o ajudante chegou á porta e chamou-me.

Espanto geral! O ultimo foi, afinal, o primeiro...

O Luis Alberto mostrou m.ta satisfação em me ver. Fingiu? Se assim foi, fingiu m.to bem. Trocámos meia duzia de impressões e quando aludi á m.ª saída de Penafiel, disse-me:

— Fica sabendo que o Schiappa é teu amigo. Ele falou-me em ti e lastimou a tua saída da Região. Fez-te elogios e grandes. Podes crer nisto que eu te estou a dizer.

E depois de mais umas coisas acerca do brigadeiro e da homenagem que ha dias lhe prestaram no Porto, acrescentou com ar de quem queria deixar bem claro o que dizia:

— Pois é teu amigo a valer.

Que conversa teria havido? Fosse como fosse não desgostei de saber.

Coimbra.

Maio: 5.

Esteve aí hoje o Luis Augusto de Oliveira Franco, major de Infª, o antigo companheiro de 1908 a 1910 na vaga conjura contra a monarquia, no velho regimento de Infª 23. Não me disse o motivo da vinda a Coimbra; mas pela conversa e pelos passos que me disse ter dado, cheirou-me que se tratava de policia "de informações"

De mais a mais, ele disse que estava numa comissão no ministerio da Guerra que não nomeou.

— Estou em comissão no ministerio da Guerra, disse, ao mesmo tempo q. fazia um gesto largo.

Vem ontem e foi hoje. Vinha em trajo civil e assim andou sempre.

Em que deu um republicano historico que eu vi com lagrimas nos olhos quando

haria em Lisboa qualquer violencia por parte do governos monarquicos contra o povo republicano...

E' certo que isto já lá vai ha bem 25 para 26 annos — nem mais nem menos que ha um quarto de seculo.

E o mundo, neste intervallo, deu muita volta.

Coimbra.

Maio: 8.

Centenario da entrada do Duque da Terceira em Coimbra.

Nem um signal, por pequeno que seja, de lisonjeira commemoração.

Qualquer manifestação seria considerada subversiva. E assim vamos andando...

Lisboa.

Maio: 12.

Cá estou, de novo, ha uns tres dias. Chegou o calor e parece que, com elle, a politica se entusiasmou.

Ontem á noite, ao vir para casa, o electrico em que vinha, ao descer a rua de S. Bento, na altura da rua do Arco, teve de parar. Uma força de policia, armada de carabina mettida na ordem uma manifes-

tação feita por «camisas azuis.» A policia era comand.ª por um oficial subalterno que berrava alto para os manifestantes com ameaças bem claras.

Os manifestantes eram umas tres duzias de rapazelhos, pequenotes, bem indumentados de azul, que gesticulavam largamente. Parada, estava uma caminheta de bancadas onde uma mulher desgrenhada gritava lancinantemente.

Não percebi.

Ao apear-me, mais abaixo, á rua de S.to Amaro, vi um grupo de populares que comentava; e deles ouvi as seguintes frases soltas, com um pouco de indignação ou protesto:

— Para uma data de garotos, é necessario mobilizar uma esquadra!

— Foram tres tiros, que eu bem senti! Não me engano, tres tiros!

— Corja de perturbadores, como se não houvesse nada que nos incomodasse!

Hoje tive ligeira explicação do facto: eram os «camisas azuis» que se manifestavam contra a prohibição das suas reuniões e manifestações e contra a autorização aos «camisas verdes» do Antonio Ferro para se organizarem com o

nome de Associação Escolar da Vanguarda, e com a protecção do «Secretariado de Propaganda Nacional.»

Era, no fim de contas, uma luta de camisas... Podia ser piór.

Lisboa.
Maio: 13.

Hoje, lá se conseguiu deixar de pé, em estátua, o Marquês de Pombal.

Fui ver a cerimonia da entrega. Dia quente, excelente; o lisboeta veiu para a rua e a Rotunda encheu-se. Multidão compacta. Ordem, disciplina em tudo. Parece que todos tiveram a noção do momento. Não houve gritos. Só ouvi os vivas oficiais e as palmas que reboaram com intensidade.

Aquele silencio e a compustura mantida deram-me a impressão dum protesto contra o atheamento do governo perante a cerimonia. Tudo primou pela muita ordem e pela disciplina — quer no transito, quer na ausencia de manifestações, quer na simples passagem pela frente do monumento, no final, como homenagem.

Seria dos meus olhos ou de opinião antecipada?

Quiz-me, porem, parecer que, quem observasse bem o que ali se passou durante a tarde, veria uma grande manifestação surda de protesto, ao mesmo tempo que se lembrava (ou fazia lembrar) a campanha pelo monumento.

Enfim, o marquês lá ficou no seu pedestal alteroso. Em qualquer alteração de ordem que tenha de meter artelharia, Sebastião José de Carvalho, apesar do leão protector, póde contar com uma ou duas granadas governamentais, calibre "estado novo", e pode contar com o trambulhão...

Será má lingua?...

Lisboa.

Maio: 14.

Ontem á noite ainda fui á Rotunda ver os restos da festa ao marquês.

Multidão quasi compacta á volta da estatua; ordem; silencio completo; compustura. A manifestação da tarde parecia continuar. Pela Avenida subia e descia um formigueiro constante de gente, familias inteiras a que não faltava a creançada; gente categorizada e modesta, todo o lisboeta bom e máu, alto e baixo.

Seria simples curiosidade ou era a homenagem sem convites?

No Largo do Rato (hoje Praça do Brasil) ainda se reuniram bastantes «camisas verdes» do António Ferro para passarem, em formatura, perante a estátua, á laia de desafio; foram, a comissão do movimento a que preside o general Ernesto Mª Vieira da Rocha, sabedora do caso fez as suas deligencias perante a policia e a projectada marcha ficou sem efeito.

O que teria dado essa marcha agressiva com o auctoriste de má vontade que era ministro?

Hoje, - o Pires Monteiro, offereceu-me um almoço na Brasard do Chiado.

Não sei bem quais os motivos que o levaram a esta attenção, mas estou certo de que será o facto de eu o ir fazer socio do Instituto de Coimbra. Ele julga o diploma de socio do Instituto quasi um certificado de Immortalidade...

O certo é' que me offereceu um almoço de luxo, com todas as regras de distincção entre «gentlemen.» Conversámos largamente acerca de muitas coisas. Gostei das horas passadas com ele, afinal boa pessoa, bem intencionada e trabalhador honesto. Está afastado dos serviços do Estado-maior, numa comissão que não da tra-

batho e para a qual nunca é chamado...

Depois do almoço démos uma pequena volta pela Baixa e lá o deixei para ir á sua tarefa diaria da Revista Militar. E amanhã segue para Barrancos, Alentejo, com uma comissão mixta de oficiais do Estado-maior portugueses e espanhois para resolver uma antiga questão de limites na fronteira.

Durante as voltas na Baixa, encontrámos o Alberto Botelho da Costa Veiga, o ilustre Veiga das curvas. Deu-me alegremente um meio-abraço, como a velho amigo; e desfechou-me:

— Então você deu agora em historiadôr?

Eu tive um gesto vago:

— Então o que quér?... Podia-me dar para piór.

— Não senhor, você trabalha bem. E olhe que o seu trabalho sobre Nunalvares é bem feito. Você tem razão... tem muita razão...

E olhando para um e outro lado, como quem queria falar particularmente:

— A verdade é esta: uma coisa é Nunalvares chefe militar, outra coisa é o santo. Você pôz muito bem a questão... Mas que quer?

E ainda com o mesmo tom de intimidade:

— Nem todos vêem assim... E daí essa polemica estupida...

O Pires Mont.º ria; eu reparára no ar de segredo com que ele dizia isto, com medo de ser ouvido por algum correligionario que passasse.

E eu fiquei pensando que ha integralistas que me dão razão — mas em segredo.

Poltroesinhos!...

O Pires Mont.º, no meio da conversa, insinuou-me que eu deveria fazer a historia das nossas milicias, que ele está convencido que foram um exemplo de valor na nossa hist.ª militar. Fiz-lhe ver que a historia das nossas milicias era a historia de muita miseria moral e que seria melhor não mexer muito no caso.

Ele pareceu-me não convencido. Em, pareceu, é que me não meterei em tais assados.

Lisboa.

Maio: 20.

Fui hoje ao Jardim Zoologico. Dia de calor, muita gente a ver a bicharia. E eu verifiquei que naquela admiração palonca

pelos animais ninguem noteria que ha entre eles a mesma luta que entre os homens. A luta pela alimentação que nas féras é tremenda e a luta pela fémea que é igual em todos.

Emfim, considerações «filosoficas» nos dominios da macacaria bulicosa e dos altivos e poderosos leões.

E adeante.

Já sei o que motivou o caso aqui relatado em 12 de Maio corrente quando, pela rua de S. Bento, recolhia a casa. Foi simplesmente o seguinte:

Um grupo de «camisas verdes» (os da tal Associação Escolar Vanguarda) entre a Escola Industrial Machado de Castro á hora de maior movimento; começáram os vanguardistas a distribuir papelinhos de propaganda que a rapasiada ia recebendo com comentarios. Entre os alunos estava um sargento, á paisana, que aceitou um papel, mas á segunda oferta disse naturalmente que já tinha; perante a insistencia do da camisa verde p.ª aceitar, voltou a dizer que já tinha, que não era necessario outro. O «camisa» indignado gritou:

— Eh rapazes! cá está um comunista!

E atirou-lhe uma bofetada. O sargento respondeu com outra e preparava-se pa-

ra puxar duma pistola quando á garotada encamisada de verde lhe caíu em cima. Os alunos acudiram pelo sargento — e daqui o tumulto.

O director, homem todo da actual situação política, telefonou fº a polícia; esta acudiu mas já não evitou que alguns populares da visinhança tivessem rachado algumas cabeças de «camisas» á pancada, sem ninguem ver...

O director indignou-se com esta ultima fase da ocorrencia; e contou-me pessoa que lida de perto com ele que o homem, acompanhado com dirigentes da União Nacional procurára o Salazar para lhe dizer que «assim as coisas iam mal...»

Como é que no Exercito se teria encarado este caso dum sargento esfaqueado por meninos energúmenos? É' natural que achassem bem feito mormente se o sargento não é' creatura sem qualquer nuance anti-nacionalista.

E os vanguardistas pretendem comparecer na proxima parada militar do dia 28 de Maio [redacted] juntamente com a marinha, o exercito e guarda republicana. Dizem até que o Cça de Queiroz, seu organizador, quer ir a cavalo, á frente dessas hostes aguerridas.

O Exercito aceitará a camaradagem? Faltam poucos dias para se ver quem tem razão.

Lisboa.

Maio: 29.

Terminaram as festas comemorativas do 8º aniversario do grande arranco de 28 de Maio de 1926.

Tudo correu bem. Muita gente nas ruas. Parada militar. Jantares. Sessões solénes. Etc. etc.

O povo satisfeito. O tempo ajudou. Musicas, foguetes, sol claro e viração fresca dos lados da barra... Que é necessario mais para haver alegria e satisfação?

Os romanos saliam bem o valor do «panem et circenses.» Estamos na mesma com a diferença de que o pão não é muito...

De tudo quanto vi e ouvi ficaram-me duas coisas apenas, como mais notaveis: a formação de rapariqas uniformizadas, da tal Associação nacionalista, que vieram de Braga para os festejos e se mostraram por aí radiantes, quasi impudentemente por essas ruas; e a decisão do Congresso da União Nacional de que é necessaria a creação dum corpo de capelães militares que as-

segure no exercito a assistencia religio-
sa. Estas duas concretizações da actual
politica deram-me no gôto...

E a confrontar todas as minhas apre-
ensões, no Diario de Noticias leem uma fo-
tografia do Salazar, no Congresso da União
a discursar com o braçal dos vanguardis-
tas no braço direito.

Obra do António Ferro que tem aves
raios maquiavelicos?

Para a frente é' que é o caminho. Bem
dizia hoje um categorizado monarquico cons-
titucional, da velha escola liberal:

— Mas para onde vai isto? Que fim
terá esta loucura?

Lisboa.

Maio: 30.

No banquete do dia 28 que foi «colos-
sal», os discursos foram radiofundidos se-
guindo a nova linguagem creada pelos pro-
gressos tecnicos.

O curioso, foram, é' que, quando o ca-
pitão David Neto discursava, lançando os
dislates e ameaças do costume, o aparelho
interrompeu a audição.

Que foi? Que não foi?

Muito simples tudo: o capitão David
Neto estava bêbedo e tais coisas dizia que

o presidente do banquete houve por bem mandar interromper a transmissão, explicando p.ª os ouvintes da radio, naturalmente interessados em ouvir, que houvera qualquer desarranjo na instalação.

Salvou-se assim, em parte, o prestigio do Estado Novo...

Coimbra.

Junho: 3.

Já voltei a casa. Desde ontem. Duma babilonia de 3.ª classe passei para um inferno...

Coimbra.

Junho: 7.

Extracto duma carta p.ª o Pires Monteiro em que lhe desejava regresso da missão na fronteira sem aborrecimentos e lhe agradecia as atenções q. me dispensou, em especial, a do almoço intimo na Benard:

«... O seu artigo p.ª O Instituto deverá sair em duas parcelas, não no proximo numero porque já está cheio mas no imediato. E a proposta para socio ainda não foi feita porque devido a varias causas (que creio lhe expuis) não tem havido assembleias gerais. O dr. Alberto Pessoa

conta, porem, que isso se realise muito brevemente.

«Eu cá estou, de novo, agarrado ao trabalho, sempre preocupado com a mª vida, com o sistema nervoso mais ou menos inquieto — mas, ao mesmo tempo, com certa dose daquilo a que os cristãos chamam resignação... No volume do Boletim do Arquivo Historico Militar que deve sair breve, vem uma parte dum trabalho meu feito sobre os manuscritos da Biblioteca da Universidᵉ..

«E assim a vida passa e se aproxima do fim sem que, olhando pª o caminho percorrido, se veja coisa que valha. Agora dá vontade só de arrumar tudo pª que ao menos a grande viagem nos não surpreenda com a casa em desordem

«E como não o quero incomodar com pessimismos, ponho ponto, afirmando-lhe que aqui estou ao seu dispôr, etc. etc.»

Coimbra.

Junho: 13.

Suicidou-se hoje, com um tiro, o medico Domingos Lara. Ha muito se neurastenisára e daqui o suicidio.

Mais uma vitima deste estado de coisas. Não sei se valerá a pena contar as

razões porque dipo isto. Mas estou convencido de que é, realmente, mais uma vitima.

Coimbra.

Junho: 14.

Recebi um convite p.ª nova reunião do curso de Infantª da Escola do Exercito na residencia, em Sintra, do Ant.º Pinto Cardoso Salgado — q. foi meu companh.º de quarto em Mafra.

Respondi que me era impossivel ir a Sintra neste momento; agradeci a lembrança e desejei reunião alegre e agradavel para todos.

O meu estado de espirito actual é que se não presta a estas festanças que afinal não têem base solida. As reuniões de com discipulos que, em parte, se não estimam, julgo que é inutil. Alem disso, a reunião é em casa do Salgado que está muito rico (pelo casamento que fez) e receberá com elegancia no seu palacete de Sintra, arrotando dinheiro e fidalguia — e eu, agora, não tenho fato em termos para almoço assim que, com certeza, será presidido pela esposa e terá a comparencia de filhos e noras.

Por consequencia: não vou.

Coimbra.

Julho : 24.

Extracto duma carta que escrevi hoje ao dr. José Cardoso. Fica apenas como documento desté periodo da vida.

«... Os filhos do Costa Ferreira teem sido o meu maior problema e o mais grave. Só pessoalmente se poderá contar toda a serie de dificuldades e desgostos com que tenho arcado ha uns anos para cá. E o que estará para vir não quero pensar no q. poderá ser. E a solução-se a isto tudo o problema da minha situação militar — q. se não resolve. — ...»

Coimbra.

Agosto : 5.

Escrevi hoje ao Carlos Batalhão, de Miranda do Corvo, perguntando-lhe se ele não quereria para ajudante da sua repartição do Registo Civil o meu sobrinho Rui da Costa Ferreira que ha pouco saíu da Escola Profissional de Agricultura de Santarem por qualquer motivo que ignoro.

O motivo da saída não é, certamente, o da «mudança de ares» acusada no oficio nº. 391 de 16 de Julho ult.º assinado pelo Bissaia Barreto como presidente da

Junta Geral do Distrito. Outras razões imperáram p.ª a intimação.

Adeante. Continuam os problemas.

Coimbra.

Agosto: 15.

Hoje, na Faculd.e de Letras, á saída da aula de Descubrimentos, no Curso de Ferias, regida pelo dr. Manuel Lopes de Almeida, fui abordado por este que me solicitou a comparencia á prox.ª excursão do Curso á Batalha e Alcobaça para, na passagem por Aljubarrota fazer a respectiva prelecção.

Excusei-me amavelmente, alegando a dificuld.e do terreno p.ª uma demonstração e a inutilidade do local para exposição clara e suficiente. Disse que melhor seria uma prelecção em Coimbra, em sala confortavel, perante carta topografica bem feita, etc. etc.

O Lopes de Alm.da deixou ver que o convite era feito em nome dos professores que vão na excursão — o que me leva a pensar que a basófia universitaria anda muito por baixo...

O que não quér dizer que, se aceitávam a m.ª prelecção no campo de Aljubarota, como episodio acidental, já não

aconteceria o mesmo com uma conferencia, em sala da Faculd.e, feita por creatura sem capelo nem borla.

Estes catedraticos sabem muito bem o que fazem...

Coimbra.

Agosto: 16.

Hoje, o dr. Joaquim de Carv.o, na Faculd.e de Letras, tentou seduzir-me para a excursão á Batalha e Alcobaça.

O continuo Melo, velho archeiro hoje aclimatado na Faculd.e como continuo, segredou-me que ouvira uma conversa entre professores relativa ao caso da excursão e que naturalmente me forçariam a ir por causa de Aljubarrota.

Mas não vou.

Coimbra.

Agosto: 21.

Hoje, a seguir á aula do Dr. Joaquim de Carvalho, no Curso de Ferias, este saiu comigo e conversando fomos até á sua residencia.

Ao passar pelo Pátio da Universidade, eu falava-lhe nas lições que ele dêra sobre a historia do Pensamento Português (que foram notaveis e brilhantes) e dizia-lhe

que elas me tinham sugerido um plano novo em Portugal de um estudo que se poderia intitular Ideias e métodos no exército português ou coisa semelhante.

Pareceu-me que ele se interessava pelo que lhe ia dizendo e chegou a preguntar-me coisas várias acerca do assunto. Até, que, pouco depois, me confidenciou que gostava de saber que eu me profunha a estudo desse género porque desde já me convidava para colaborar com ele numa obra que sairá brève com o título que ele dêra ás suas lições.

E expoz-me então e também confidencialmente, que ele com o dr. Duarte Leite e o dr. Silveira Cidade se propunham lançar uma obra de cerca de 3 volumes, em fasciculos mensais, com o título de Hist.ª do Pensamento Português; e, evidentemente, nessa obra deveria haver capítulos relativos ás ideias q. domináram os chefes militares ou, pelo menos, a doutrina que tem regido a nossa actividade guerreira. E voltou a dizer:

— Pois fica o meu Am.º desde já convidado para colaborar na obra.

E acrescentou, quasi aliciante:

— E olhe que são pessenta escudos por fapina!

Eu fiz um gesto de indiferença ao que ri desdém e respondi com pausa:

— O sr. dr. sabe que eu não tenho trabalhado por dinheiro...

Mas isso não é indiferente, realmente, como ele acrescentou. E eu, na verdade, um pouco emocionado pelo convite como pelo acaso que me poderá proporcionar tão honrosa companhia numa obra que será fundamental, expús-lhe mais ou menos as minhas ideias que ele foi ouvindo atentamente. E riu-se quando eu concluí:

— O pior, sr. dr. é que um estudo sobre as ideias e métodos dos nossos militares, dá cabo da cauda tão exaltada do «glorioso exercito portuguez»...

E ao subir os degraos da casa ainda disse:

— Pois m.to bem! Pense no caso e depois de eu falar aos dois companheiros fecharemos o contracto.

E eu segui, rua abaixo, pensando se tudo isto não será mais uma das muitas fantasias do dr. Joaquim do Carv.º e se esse convite ficará em nada como outros que já me tem feito e q. não mantem...

Eu vou, realmente, pensar no caso. Porque, se o convite fôr fantasia, procu-

saraí realizar o meu plano melhor ou
pior, conforme arquitectái e conforme fôr
amadurecendo.

Coimbra.

Agosto: 22.

Terminou hoje o Curso de Ferias em q.
me matriculei para ouvir as prelecções
do dr. Joaquim de Carvalho, do dr. Manuel
Lopes de Almeida e do dr. Virgilio Talarda.

Realmente, não perdi muito o meu
tempo e ouvi:

Da Historia do Portugal pelo dr. Joaq.m de Carv.o: oito lições que ficáram no movimento dos estrangeirados do seculo XVIII, com Verney, Ribeiro Sanches, e outros.

Da Historia de Portugal, pelo dr. Manuel Lopes de Alm.da: oito lições q. ficaram no seculo XVIII.

Da Hist.a dos Descubrimentos pelo d.r Lopes de Alm.da: 7 lições que ficaram na critica da viagem de Alvares Cabral e na polemica suscitada acerca da prioridade da descuberta do Brasil.

Da Geografia de Portugal pelo dr. Virgilio Talarda: oito lições que ficaram na descrição das pequenas colonias africanas debaixo do aspecto economico.

O curso correu normalmente, embora com muita cábula por parte dos senhores mestres. Nesta ult.ª semana com varios pretextos, as aulas terminaram... Das dez lições que cada um devia dar, só se efectuaram oito e em uma das cadeiras só sete. Mas cada um deles recebeu um conto de reis pelo trabalho.

Foi o principal.

Paz. Mafra.

Setembro: 4.

Depois de viagem massadora e incómoda em caminheta que ontem fi por curiosid.e para ver o percurso, aqui estou nesta agreste lomba da Paz — com a mesma Sintra, ao sul, o mesmo mar ao poente e a mesma extensão de pinhais ao norte e leste.

Silencio normal. Creanças, apenas, de quando em quando, gritam e o zumbido dos automoveis nas estradas ouve-se uma ou outra vêr.

Mas já hoje, em conversa amavel com o medico local Carlos Galrão, velho interessante, culto e espirito muito curioso, eu ouvi coisas que me levam a escrever para que se não percam da memória dos homens...

Então dr. Carlos Galrão conhece bem o convento de Mafra quer na sua história quer no seu valor arquitectonico e artistico; tem servido de cicerone a muito visitante categorizado e hoje, a ~~propósito~~ propósito de se falar no facto de certos profissionais se confinarem nos conhecimentos profrios da sua profissão e não saberem mais nada fóra dela, contou-me q. teve uma desilusão certo dia em que o dr. Sidonio Pais, então presidente da Republica, veiu a Mafra ver o convento que nunca visitara.

Ele, Galrão, serviu de guia na visita e ia chamando a atenção p.ª certos pormenores notaveis do edificio quer na sua perfeição formal quer na beleza das proporções, etc. etc.

Sidonio, a tudo, respondia invariavelmente:

— E' interessante... muito interessante...

Não reagia perante a beleza de certas esculturas ou grandeza do conjunto. Na Biblioteca, calculou o dr. Galrão que ele olhasse com mais atenção para certas raridades bibliograficas; e puxando de uma 1ª edição de Gil Vicente lançou-lhe á queima-roupa:

— É única em Portugal!

Sidonio olhou de relance; e sem parar, disse no mesmo tom:

— Muito interessante... muito interessante...

E o dr. Galrão comentava com ironia o facto de um professor universitário e homem que viajou, parecer indiferente ou ignorante perante coisas que impressionariam o simples sentimento artístico e a profria curiosid. de qualquer creatura de cultura media.

E com certo espanto meu (porque o dr. Galrão é ultra-conservador) seguiu o seu pensamento contando que ha pouco o Salazar tambem viéra ao convento não como visitante pois disse já o conhecer, mas para acompanhar um seu amigo intimo, padre da Comp.ª de Jesus e creatura de coturno. Servir o dr. Galrão igualmente de guia aos dois visitantes; e lembrando-se do caso do Sidonio, quiz ver se o actual ditador tambem acharia tudo simplesmente interessante.

Parou o ilustre Salazar mantem-se mudo. Ouvia, ouvia, olhava, tornava a olhar e... muita carrasco! O dr. Galrão confessou que já estava a embezerrar

com o caso grande chegaram ao museu na galaria grande da frente. Aí, o Salazar, ao ver a mesa do guarda que vende os bilhetes, teve um brilho mesmo nos olhos, a fisionomia pareceu animar-se, os grossos movimentos pareciam outros — e fixando o maço de bilhetes, interrogou o médico com certa ânsia:

— Dipa-me, sr. doutor, isto vende muito?

Em quasi duas horas de visita, pera te monumento de valor artístico, no meio de belezas que impressionariam qualquer temperamento que não seja árido, o ditador português só se preocupou com o rendimento das entradas do Museu.

E o dr. Galrão concluia, com graça, pela inferioridade dos Grandes Homens...

Paz. Mafra.

Setembro: 5.

Mandei hoje fº. o Presidente do Conselho Superior da Viação Nacional, uma participação contra um agente de fiscalização por conta do Estado que veiu na caminheta em que viajei há dias desde Leiria até á Maceira. Este agente fez tais coisas que os passageiros tiveram que passar a ser os fiscais e vigiá-lo na ordem.

O caso irritou-me tanto que me re-
solvi a este acto um pouco fóra dos meus
habitos. Ao menos não serei accusado de
quela ralassa fraqueza de que Eça de Quei-
roz accusa os portuguezes em qualquer
passo dos seus livros.

E' possivel que a participação seja lan-
çada fº. o exame dos papeis se o homem de
quem participo fôr partidario da actual
situação politica. Mas, emfim, lá foi e é
bom não se antecipar em juizos...

Paz. Mafra.

Setembro: 20.

Os jornais chegados ha pouco dão a
noticia da morte do Brito Camacho.

Dizia-se que andava doente. E real-
mente a ultima vez que o vi, em maio
passado, achei-o gordo de mais, com a
apparencia de inchado. Foi no Poço dos Ne-
gros, na parapeu do electrico. Vi-o de per-
to, evitando que ele me descobrisse — pois
a minha negação para me aproximar dos
grandes homens é instintiva. Fiquei, fo-
ram, com má impressão; devia ali andar
mal forte e apoia, as noticias, dão-no co-
mo victima de angina pectoris.

Morreu alguem — e isto para a reto-
rica dos momentos solemnes. Era, merda-

deiramente alguem, de temperamento pouco ou nada adaptavel, vendo talvez as coisas muito de conjunto, mas era espirito de grande lucidez e penetração.

Devo-lhe muito se bem que possa parecer pouco.

Eu era um simples unionista filiado em 1913 se me não engano, seduzido pelo agrupamento de escol que andava á volta dele e pela superiorid.e mental e intelectual da Luta que representava dignam.te o partido. A minha filiação foi impulsionada pelo então Tenente-coronel Francisco Gomes que venceu um pouco a minha repugnancia em arregimentar-me; mas, no intimo, correspondeu a um pulso natural de adesão a esse grupo superior de homens que concretizavam realmente bons principios e se apuravam pela inteligencia e pela correcção de atitudes aos desmandos da garotada chamada paradoxalmente democratica e aos ambiciosos e politiqueiros que rodeavam o bom e incauto Antonio José de Almeida.

Era pois unionista. Obscuro, obscurissimo unionista, simples numero no registo de filiados. E assim, mais querer mais do que a consciencia da sinceridade da adesão (embora não fosse incondi-

cional) eu fui vivendo até que, promovido a capitão em 1914 e mobilisado para uma certa Divisão Auxiliar que deveria ir para França em 1915, eu fui parar a Castelo Branco, ao 2º batalhão do regimento de Infantaria nº 21.

Deram-se os sucessos politicos de fins de 1914 e começos de 1915 de que saiu o chamado movimento das espadas. Como não aderi, o braveiro Lopes, ao tempo major e comandte do batalhão, incompatibilisou-me com a oficialidade e quiz provocar-me um castigo ou possivelmente a demissão. Estive no hotel onde me hospedei com parte de doente e vigiado pelos oficiais entre os quais, e principalmte, o hoje major do Estº Maior Ferraz de Carvalho, ao tempo tenente do batalhão. Sei que se trocáram confidenciais por minha causa; no ambiente havia sinais de trovoada; os reaccionarios da terra (e eram tantos!) teciam a intriga e instigávam os animos.

Nesse comenos subiu o general Pimenta de Castro ao poder; e um professor do Liceu, chamado Nobre e o medico dôno das aguas de Monfortinho, Gardete Martins unionistas locais de valor foram a Lisboa e creio que contaram o caso na re

dação d'A Luta (já então no Calhariz); ao mesmo tempo, o coronel Francisco Gomes, em Coimbra, soledor do caso, escreveu ao irmão, o almirante Azevedo Gomes; e meu cunhado Costa Ferreira procurou o chefe de gabinete do Primeiro de Castro, ao tempo o major ao tem.te coronel Adolfo Cesar Pina, seu patrício e amigo. O Primeiro de Castro estava inexorável: queria punir-me visto que se dizia nos relatórios vindos de Castelo-Branco que acompanháramos um requerim.to meu pedindo sindicancia á minha atitude naquele caso; dizia ele que, se eu era do partido reviorista devia acompanhar a manifestação pois devia ser leitor d'A Luta e estar conhecedor de tudo.

Disseram-me do Quartel-general de Tomar, séde da Divisão que já estavam apostos no meu requerimento cinco dias de prisão em Elvas por não ter acompanhado os camaradas num movimento de solidariedade e que essa punição estava assinada pelo coronel Vitoriano José Cesar, chefe do estado-maior mas ao tempo, pela ausência, comandante interino da Divisão.

Foi então que o Camacho interveiu e fez saber ao Primeiro de Castro o desgos-

to que sentia por lhe tocarem uns correligionários que procedem de maneira diferente da maioria do partido, é certo, mas consoante a sua maneira de ver e de pensar. E afirmáram-me confidencialmente que ele acrescentára que, afinal de contas, eu é que tinha razão e estava no bom caminho.

A tempestade aplacou-se e eu recebi uma carta do Alberto de Moura Pinto escrita em nome do Brito Camacho, significando-me toda a sua solidariedade e apreço com palavras que eram extremamente amaveis. E a tal punição dos 5 dias em Elvas foi comutada em transferencia para o regimento de Infantaria nº. 33 em Lapos, no Algarve, então florido com as amendoeiras.

Fui numa manhã fria de Fevereiro de Castelo-Branco p.ª Lapos; deixei de boa vontade a reaccionaria capital alticastrense; o ambiente algarvio era outro; e para cumulo, n'A Luta, uns dias depois, o Camacho escreveu um editorial a meu respeito, incisivo, cortante, em que elevava a uma altura que me pareceu imerecida.[1]

---

[1] No nº. de 15 de Fever.º de 1915.

Disseram-me depois que o artigo Vi-
vera origem na campanha que havia no
partido para me expulsarem. O então ma-
jor do Est.º maior Alfredo Baldwino de
Seabra, era um dos chefes que preparam
a expulsão; e o artigo veio calar os pro-
testos e colocar-me numa redoma de
respeito e de intangibilidade.

Como consequencia de tudo isto, dias
depois, fui procurado no hotel pela comis-
são municipal unionista de Lapos que me
apresentou os seus cumprimentos e fez
os seus oferecimentos — mostrando-
me, até, uma carta do general Alberto
da Silveira que interpretava o editorial
do Carnacho que tanto orgulho e tanto
desgosto provocou.

Ora esse artigo, com a assinatura do
Brito Carnacho e um editorial, é um acto
que não póde esquecer.

Ha pouco, ao ver a noticia da morte
eu relembrei este terrivel ferido da mi-
nha vida e a consolação infima que então
senti com estas provas de consideração
recebidas sem as solicitar e até sem ele me
conhecer.

E quando, a seguir á revolta de 14
de Maio eu voltei p.º Coimbra e se fize-
ram eleições, o Carnacho mandou-me

pedir para eu me propôr como unionista. Não quiz, não estava disposto a essa prova; mas tive de ceder perante o desejo manifestado por ele, de mais a mais a seguir ao caso q. atraz ficou contado.

Propuz-me senadôr pelo distrito de Coimbra e teria ganho a eleição se o Moura Pinto me não roubasse para fazer uma das suas tranquibernias politicas. O Brito Camacho soube da maroteira, mas nada disse; e segundo me informaram teve certo desgosto com a porcaria.

E o curioso é que nunca falára ao Camacho! Varias vezes, por terceiras pessoas, recebi convite para ir á Luta e conversar com ele. Nunca fui.

Fiquei com grande admiração por ele e votei-lhe sincera gratidão; mas fugi sempre de lhe falar.

Passado tempo veiu a revolta do Sidonio em q. a sua acção tem sido mal interpretada; escrevera-me uma carta de apresentação para um sobrinho do Sidonio (engenheiro civil, de apelido Bessa ou Beça, não me recordo já) que comigo veiu falar sobre o plano revolucionario. E depois do triunfo da revolução e quando se procurava montar a maquina administrativa, o Camacho deu ao

Sidonio uma relação de governadores-civis que entendia deveriam ser nomeados, conforme pedido expresso pelo próprio chefe revolucionário.

A relação continha o meu nome para o governo civil de Coimbra. Eu vi a relação escrita pelo próprio Camacho; e vi também que o Sidonio cortou o meu nome com dois traços de tinta assim como o de uns outros unionistas mais categorizados...

Esta relação foi guardada pelo Moura Pinto e foi este que mo mostrou.

Até que... em 1918, passando o Camacho em Coimbra, a caminho de Braga onde ia fazer uma conferencia profissionaria para a alteração á Lei da Separação do Estado das Igrejas, que o Sidonio projectava (ou talvez antes o Moura Pinto) e vinha de ir, como era natural, á estação do caminho de ferro. Já então havia um Centro Unionista em Coimbra e os cumprimentos impunham-se. E eu lá fui.

O Camacho saltou p.º o cáis, falou a um e outro até que o coronel Francisco Gomes me apresentou. Reparei na expressão alegre com que ele me recebeu, o ar expansivo, o gesto quasi de abraço e na frase com q.º aceitou a apresentação:

— Ora até que enfim! Muito prazer em o ver! Estava já convencido de que o Sr. era um mito!

Pouco tempo depois, foi a Coimbra fazer outra conferencia sobre Direito revolucionario. Andei pouco com ele, é claro; deixei aos outros a vaidade de serem os seus cicerones. Apenas o acompanhei na visita ao Museu Machado de Castro e á noite, no dia da chegada, num passeio á beira do rio, junto da ponte, em de ele se esqueceu em considerações muito interessantes sobre variadissimos assuntos.

Na conversa intima, á vontade, era unico. Subjugava os companheiros de palestra e tinha uma graça especial, ás vezes pesada, muitas vezes de certa injustiça, quando atacava adversarios — mas sempre absorvente, superior e alegre.

Nessa noite do passeio á beira do rio, havia luar; e ainda o estou a ver encostado á grade da muralha, misturando anedotas, mais sempre inocentes, com considerações acerca do catolicismo, ou factos da sua vida politica com recordações da sua passagem, como estudante ~~com~~ despreocupado, por Coimbra em tempos já muito idos.

Passaram-se depois uns anos, muitos anos, pelo menos.

Ela cerca de 4 anos o Tomás da Fonseca, em nome da Universidade Livre convidou-o p.ª fazer uma conferencia. Ele acedeu e lá foi. Os antigos correligionarios nomearam o Carlos da Costa Mota e a mim para o acompanhar e fizeram um automovel ás ordens. Déram uma volta qualquer pelos arredores e ao entardecer quando chegámos á cidade, ele quiz percorrer a rua da Calçada e do Visconde da Luz. Eu lá fui, um pouco contrariado, por andar ao lado dum homem celebre — mas ia ouvindo os seus comentarios cautelosos e acerados a-propósito de tudo e de nada.

Quando chegámos ao Largo de Sansão, parámos em frente da igreja de S.ta Cruz e ele estêve a olhar a frontaria enquanto ia conversando ao mesmo tempo que ia virando o chapeu amolgadas vezes. Em certa altura disse:

— Que diabo!... Eu, afinal, sou aqui muito conhecido e cumprimentado.

Eu e o Costa Mota trocámos um olhar e um sorriso e tivémos de lhe confessar que aqueles cumprimentos (que a sua miopia não deixava distinguir) não eram

para ele, mas sim para o Supremo Arquitecto que estava em carne e bem vivo dentro do Templo, em sacrario artistico.

Ele riu-se muito com o equivoco e fez logo os seus comentarios sobre a estupidez dos cumprimentos ás portas das Igrejas — como se Deus não estivesse imanente, rodeando-nos, em toda a parte, sem necessitar de se transformar num pouco de farinha e de se encafuar num armarinho liturgico mais ou menos artistico! Riu-se e troçou do caso; e dai a dias ou no Seculo ou no Diario de Noticias (se me não falha a memoria) publicou um artigo sobre o assunto.

A conferencia foi na sala da Associação dos Artistas e foi um comicio... O Governador Civil estava p.ª dissolver a Universidade Livre e tambem a Associação dos Artistas! Foi uma hora de vibração republicana. Coube-me a honra de abrir a sessão; ele lembrou que seria desnecessaria a cerimonia de mesa e apresentação; mas quando lhe disseram que eu era o presidente da Universid.e Livre e me disfarcha á abertura, não insistiu.

Foi esta a ultima vez que lhe falei. Depois só o vi, como disse, ha meses, no Poço dos Negros (hoje Largo D. Antonio da Costa de Ma-

cedo); e agora revejo tudo isto que se pas-sou e assim lhe presto a única homena-gem que aqui lhe posso prestar.

Se a notícia da morte aqui chegasse a tempo, iria a Lisboa p.ª assistir ao fune-ral. Assim, limito-me a lembra-lo com respeito e gratidão. Nunca esquecerei a atitude que tomou para comigo em 1915.

Ás vêres, o meu humôr que me in-vadia fazia com q. fosse injusto para com ele; uma vêz ou outra, tinha reparos gracejo o sabia trocando de factos ou de ho-mens, apenas pelo prazer de troçar. E eu dizia então:

— Que demonio! O Camacho, afinal, não faz mais nada mesmo é capaz de outra coisa!...

Mas hoje, a gratidão por uma atitude expontanea que me elevou e me deu certo prestígio; o passêgo do local em q.º escrevo e a tranquilid.e relativa do meu sistema nervoso — fazem-me escrever estas li-nhas que são obscura homenagem, igno-rada dos jornais e até da propria familia dele a quem mesmo simples bilhetes de pê-sames vou mandar.

Estas linhas ficam apenas como des-carga de consciencia.

Paz. Mafra.

Outubro: 3.

Completo hoje 55 anos. Meio seculo e mais dez por cento...

Mal empregada idade!

Pregunto, como o Lopes Vieira no tempo de estudante, nas suas primeiras poesias:

— Para quê?... para quê?...

E tanta gente a afregoar e a celebrar a alegria de viver, o Optimismo, o dever de conservar a vida...

Ora bolas!...

Paz. Mafra

Outubro: 9.

Escrevi hoje longa carta ao Armando Macedo cuja mulher ha dias quebrou uma perna em tres pontos.

Este meu antigo condiscipulo do Liceu e amigo velho tem vivido ultimamente enciumado nos ciumes da esposa, mas sei se fundados, ~~mas~~ mas que o não deixam sereno e o teem levado a estado proximo do desespero. Assim me tem confessado em abertas de confidencias que a nossa velha amizade e convivencia provocam. Calculo agora que a esposa, inactiva temporariamente, se ha-de exaltar

mais, sentir o ciume exacerbado e tal ver aborrecer e desesperar mais o marido.

Enfim... A carta ficou copiada no volume respectivo, com o nº 68, a pag. 92.

Paz. Mafra.
Outubro: 15.

Extracto de carta para meu Tio José Augusto Picuenta:

«.... — Eu, metido todo o dia num pinhal, a 50 metros aproximadamente da casa, ou nas sombras da Tapada, não sinto vontade de me deslocar. Nem á vila que daqui dista 1:800 metros eu tenho ido; só por necessid.e e isso mesmo no minimo.

«Tenho estudado alguma coisa, lido bastante e matutado muito mais. O peso não deve ter diminuído, mas o cerebro trabalha de mais e não sei se se poderá ressentir.

«Levo uns projectos p.a o inverno; mas eu sei tambem como os meus projectos esbarram e como o tempo passa sem resultado apreciavel. Ainda ha dias, aqui, aprendi em um ensaio de Montaigne como se deve encarar a vida. Ele terá razão, mas o meu meio seculo de

vida e mais 10% pesaram de certo mais do que as razões do filosofo...

«Muito obrigado, etc. etc.»

Coimbra.

Outubro: 20.

Escreveu hoje ao Luis Brites, actualmente licenciado em Direito e, para mais, administrador do concelho da Marinha Grande. E' filho do professor Geraldino Brites e foi educado dentro das ideias fabianas.

Como diabo é que este rapaz foi parar a administrador do concelho, subordinado, por consequencia, aos preceitos do Estado Novo? E' um caso que me faz pensar mas que, francamente, não é comigo.

Adeante.

A carta nada tinha de politica. As razões dela foram apenas uma especie de recomendação p.a os engenheiros Americo de Mascarenhas Macedo (filho do Armando Macedo) e o seu colega Lopes Pires que desejáram apresentar á câmara da Marinha Grande um projecto de abastecimento de aguas posto recentemente a concurso. E o principal fito da epistola era a afirmação da perfeita honorabilid.e e dos meritos

profissionais do Americo Macedo, afirmação que poderia influir no animo dos apreciadores das propostas concorrentes.

E lá foi a carta.

Coimbra:

Outubro: 24.

Fica aqui um bocadinho de oiro da prosa ministerial na parte respeitante ás proximas eleições, anunciadas p.ª Dezembro. E' um documento curioso da desfaçatez com que se lança aos olhos do respeitavel publico ~~~~ certo numero de afirmações de responsabilidade.

Eleições livres... Inteira liberdade de voto...

Parece, só vai á tal «Assembleia» quem o governo entender e quem não vá perturbar a paz e boa harmonia que deve existir no novo Estado Novo.

E tudo em nome da Nação.

Neste gravissimo assunto, de que em grande parte depende a consolidação da obra realizada, o Governo tem o dever de procurar estabelecer um regime que obedeça aos fins do 28 de Maio, á letra e ao espirito da Constituição, á defesa eficaz do Estado Novo e da Patria. Poderão ou não pertencer á União Nacional os deputados da Assembleia e os representantes da Camara Corporativa; mas não os deverá haver com a responsabilidade de posições e tendencias contrarias ás garantias de ordem nacional, moral e social que estão definidas na primeira parte da Constituição. Os encarregados de fazer leis ou de dar parecer sobre os projectos não podem ser Lomens cujo objectivo fosse reproduzir de qualquer modo um passado condenavel ou anular as realizações do Estado Novo. Se ha quem sinta o desejo ou tenha o receio de tal subversão da logica politica e patriotica pode perder as suas esperanças ou abandonar as suas apreensões.

Isto não significa que não haja inteira liberdade de voto ou se exerça qualquer forma de coacção sobre a consciencia do eleitorado, mas simplesmente que as normas aplicaveis hão-de garantir a formação de um instrumento de trabalho e colaboração util e não um foco permanente de

agitação e desordem. Nem um Governo consciente o esqueceria, nem a Nação, depois das experiencias feitas, lhe permitiria esquecê-lo.

E aqui fica esta amostra...

Coimbra.

Novembro: 9

Ontem, o Diario de Noticias de Lisboa publicava uma carta do dr. Alberto de Oliveira relativa á urbanização de Fátima.

Estes homens da diplomacia, mais cêdo ou mais tarde vêem sempre a descobrir-se.

A carta vai colada no final deste volume por ser um pouco extensa.(1)

Recordo-me ainda, quando eu era muito novo e o Alberto de Oliveira andava a estudar em Coimbra e frequentava muito a tipografia — de que ele era republicano, com laivos de iconoclasta, sempre pronto a dar para baixo no existente.

É certo que ele tinha então 20 anos — e que o Conde de Arnoso Vera antes e muitas suficientes para o converter ao bom caminho.

Antes assim...

... Mas lembro-me como se fosse ontem.

---

(1) A pag. 385 deste volume.

Coimbra.

Novembro: 16.

Deixei na ultima nota a carta do Alberto de Oliveira relativa a Fatima.

Ora hoje os jornais dão o consta que para a vaga de ministro ou embaixador na Santa Sé vai o dito dr. Alberto de Oliveira.

Fica assim explicada a publicação da carta em 8 do corrente, com data de Outubro, sem dia marcado; isto é, carta que estava á espera de oportunidade para vir a publico. Deste modo a carta foi uma espécie de explicação para o consta.

O publico estava preparado para a noticia com a certeza de que o novo ministro no Vaticano tinha crenças religiosas, tinha fé e acreditava na Senhora de Fatima...

Afinal... que espertos que são estes senhores diplomatas! Espertos e...

Não concluo.

Coimbra.

Novembro: 24

Escrevi hoje ao dr. Alberto de Oliveira. A carta está copiada no epistolario respectivo. Não me referi, é claro, ao caso da Senh.ª de Fatima nem disse o q. pensava a seu respeito. Fui diplomata... como ele...

Outro assunto, simples curiosidade, que me deu no gôto.

O Diario de Noticias, de Lisboa, em 21 do corrente, traria nas prim.as ~~as~~ e segunda papinas uma intervista com o dr. Serras e Silva que é actualm.te o director dos serviços de hijiéne escolar — ou coisa que o valha. Entre as varias respostas dadas á curiosid.e do reporter ha esta que agrifica ar grivada e que é das melhores:

« — E quanto á moral?

« — Ah! pois, a moral. Parece ser uma coisa nova, infelizmente, e comtudo é' á energia moral, á força do caracter, que se devem os grandes feitos dos nossos maiores. Sem a saude moral não ha povo forte. Saber e musculo não bastam. Os antigos, que abriram o caminho do Oriente, tinham uma sciencia curta, mas uma rija temperá da alma fez deles os herois da epopeia de que os Lusiadas foram feitos. »

E' bom lembrar que este professôr de medicina foi professôr na faculdade de Letras, da cadeira de Historia dos Descubrimentos. Não havia, pelo visto, em Portugal, outro medico que soubesse fª historiador...

Parece que sim.

O que, porem, se não diz é que a Faculd.e de Letras da Universid.e de Coimbra foi organizada, oficialmente, pelo dr. Antonio Garcia Ribeiro de Vasconcelos, mas organizada, de facto, em casa do dr. Serras e Silva, na Estrada da Beira, quasi ao Porto dos Bentos, onde pontificava a esposa deste, a D. Prudencia Tavares da Costa Serras e Silva, e onde já andava, farejando, o novo quasi doutor Ant.o de Oliveira Salazar — protejido e afilhado espiritual daquela senhora.

Foi ali, naquela casa, centro da teia reaccionaria que se forjou uma faculd.e de Letras quasi toda preenchida por antigos teologos e completada com conservadores eivados de clericalismo.

E queria o regime republicano implantado em 5 de Outubro de 1910 fazer carreira direita!

Coimbra.

Novembro: 27.

O José Bruno Tavares Carreiro, de Ponta Delgada, meu contemporaneo em Coimbra, mandou-me preguntar se o meu cunhado Costa Ferreira escreveu qualquer coisa acerca do Antero do Quental.

Perece-me que o José Bruno anda a trabalhar numa biografia do Poeta e alguem

lhe indicou o meu nome para a informação. Respondi-lhe num simples cartão de visita q. deixo copiado no vol.º da epistolografia. Vai assim, conciso e sêco, porq. o José Bruno é grande figura em varios sectores e é rasoavelmente mal-criado.

Desta maneira evita-se um agradecimento que, aliás, nunca esperaria dele.

— 1935 —

Coimbra.

Janeiro: 1.

Em 30 de Dezembro último, isto é, an-
te-ontem, escrevi ao dr. Gilberto Barra Ara-
gão, juiz auditor nos tribunais militares
especiais para julgamento dos chamados
crimes políticos, uma carta que fica copia-
da no volume da epistolografia.

Mostrei-a aos amigos que disseram
poder correr e ela lá foi.

Trata-se do Alvaro Viana de Lemos ha
alguem tempo preso por suspeitas de
conspirar ou de tendencias comunistas.
A polícia envolve estas duas coisas com
a maior facilid.e em tudo quanto seja algu-
ma oposição á situação política actual.

Dra bem.

O juiz Aragão foi correcto. Na volta
do correio respondeu-me e informava-
me de que se não provavam as acusa-
ções e de que, por consequencia o Alvaro
ia ser posto em liberdade.

Exultei, francamente. Boa nova, no
começo do ano!

Mas, ao mesmo tempo, fiquei a pensar como é que um homem póde estar preso quatro mêses por acusações que no fim de contas se não provam...

Enfim!...

Coimbra.

Janeiro: 2

Respondi, como devia, ao juiz Bessa Aragão. Vai uma resposta quasi á Julio Dantas...[1]

Mas o mais curioso de tudo é que, ao dar conhecimento á familia da comunicação do juiz, a filha do Viana de Lemos me contou que um irmão do pai, tambem juiz, escrevera ao Aragão e que, ontem mesmo, recebera como eu a informação de que o preso ia ser despronunciado.

A carta do Aragão para o colega porem, é que difére da que veiu para mim porq. depois de comunicar que ia despronunciar o irmão, aconselhava a que o demovesse da vida que levava pois a continuar assim, ia por máu caminho...

E' claro que o irmão de Viana de Lemos não lhe mostrou a carta e não pensa com certeza em tentar a catequése...

---

(1) Fica no volume da "epistolografia."

O que haverá no processo que provocou tão salutar conselho?

Coimbra.

Janeiro: 10

Sempre caiu a torre dos sinos do mosteiro de S.ta Cruz. Foi um caso que Coimbra celebrou ruidosamente e acerca do qual eu construí uma carta para o Tomás da Fonseca em que deixei as minhas impressões.

Fica arquivada na Epistolografia. Para o futuro, é possível que ela não seja compreendida.

Também... o prejuízo não será muito grande.

Coimbra.

Janeiro: 12.

O juiz Bessa Arapão continua a ser o mais amável possível. Recebi dele uma carta em que me anuncia que ontem foi expedida ordem de soltura p.a o Álvaro Viana de Lemos.

Finalmente.

Hoje mesmo respondi:

«Ex.mo Sr. Dr. Bessa Arapão, m.to prezado Amigo. — De novo V... quiz dar mais uma

prova da sua boa amizade e completa correcção, participando-me a ordem emanada do tribunal. A notícia completou a minha satisfação.

«Muito e m.to grato a V... por tantas atenções. Creio já ter dito que desejo a V.. satisfação permanente igual á que me deu com a boa-nova; renovo os meus votos nesse sentido e os meus agradecimentos.

«E com os respeitos, etc. etc.»

Se foi sincero ou não é que eu não sei. Os agradecimentos, porem, não-lhe parecem devidos.

Coimbra

Fevereiro: 7.

No Diario de Noticias, de Lisboa, no nº numero de hoje, vem a nota interessante que arquivo mais adeante.(1)

O Alberto de Oliveira continua no seu caminho direito para alcançar um bom lugar no céu... É assim que se sobe aos páramos celestiais e se consegue a serena inocencia.

Já aqui notei a ~~nota~~ 9 de Novembro do ano passado a carta dele acerca de Fá-

---

(1) Neste vol. a pag. 386.

tinha que, na altura, eu não conhecia. Só por completo. Depois, a 16 do mesmo mês, notei que os jornais anunciavam a sua ida para o Vaticano. Agora, lá está o homem na Santa Sé, a exaltar a fé dos portugueses e, naturalmente, a dele, ministro representante da nação católica.

Beijaria o sapato do Papa?
Mas que grandes paspalhos!

Coimbra.
Fevereiro: 20.

Daqui a uns dias terei que ir parar à Escola Central de Oficiais em Caxias, para fazer o meu curso necessário para a promoção a coronel.

Tenho-me preparado o mais possível com leituras varias e procurado integrar-me nas novas teorias e novas práticas. Em casa, um dia sim outro não, exercito-me com o condiscípulo Tristão de Noronha Freire de Andrade em resolver os problemas que foram presentes à turma anterior.

Faz-se o que se pode. Mas quero crer que vou sentir surpresa. Depois de ser sim velho, colegial em Caxias!

Caxias.

Fevereiro: 24.

Primeira semana de Caxias. Primeiros sete dias de colegial...

A espectativa sofreu abalo. Em vêr do regime anunciado de escola primaria com dize tu direi eu feróz e malevolo desejo de pisar calos, encontrei ambiente de correcção e pelo menos, aparente amizade.

O general director que é o João de Almeida e os instrutores procuram convencer-nos de que nos querem fazer amigos não só deles como da Escola. E nesta atomosféra de cordealid.e se passaram os dias da semana.

Será assim até final?

O mesmo não acontece com a vida dos instruendos, no «mess» militar. Aqui, ha ainda restos da Escola do Exercito, parece que alguns não esqueceram os tempos recuados de ha 33 anos em que a ancia de passar adeante dos outros era a grande mola do trabalho.

São porem, e felizmente, poucos. Os mais vivem em mais ou menos fraternal auxilio; e como a ciencia não abunda na maior parte, toca a encostar aos q. parecem saber mais alguma coisa...

Eu mantenho-me em silencio perante os mestres se bem q. perante os companheiros seja loquaz. Pregunto pouco e vou-me governando com o que sei. E o certo é que me não considero dos menos sabios.

Coimbra.

Março: 8.

Vim a Coimbra passar os dias do Entrudo e caí na cama com uma bronquite maçadora.

E daqui escrevi ao general Schiappa de Azevedo uma carta pedindo-lhe para me conseguir a colocação na Escola Central de Sargentos, actualmente em Agueda. Ha muito q. olho com certa simpatia p.ª essa colocação e em conversas com o meu condiscipulo Mario Meneses em Caxias, este insistiu comigo p.ª que não descurasse o assunto — pois o Schiappa era meu amigo e tinha influencia sobre o ministro.

Enfim, lá foi a carta, embora escrita a custo. Não tenho geito para pedir para mim e muito menos nesta actual situação politica.

Mas, enfim, lá foi a carta! E que vá em boa hora.

Caxias.

Março: 22.

Primeiro dia de Primavera. Dia excelente. O mar, magnífico. A costa do sul, desenhada com nitidez, faz o seu jogo de fundo o melhor que pode neste cenário pobre de relevos.

Deste lado, os recortes não valem baixos; talhados pobremente por cima das curvas da terra e anunciam a expansão da capital por fóra de cinta e termo.

Enfim, tudo isto o seu lado singelo de beleza — mas em estou nada disposto.

Esta Escola Central continúa a dar problemas, a ensinar a fazer ordens — mas sem nada que eleve o ensino acima da aridez de resolução de têmas, sem deixar entrever que ha Principios superiores que orientam tudo e que ha, ao longo da historia humana, uma linha de evolução que explica este passo em que estamos e para a qual a procura dos têmas se torna mais compreensível.

Os instrutores são correctos, são delicados e levam isto com notavel diplomacia, muito fóra dos habitos normais da classe. Mas não vejo qualquer vislumbre de intelectualidade em tanta abundancia didatica: só a observancia das regras

duras domina o ensino embora enramalhetada em ~~[illegible]~~ iniciativas e incitamentos á liberd.e de discussão

E' certo que isto leva-se bem e não encontro os escolhos que calculava encontrar; mas é maçadôr como todos os demonios.

E depois, vem o aspecto especial da chamada camaradagem entre instruendos, que cheira por vêres á antiga Escola do Exercito com laivos de malandrice á mistura. Ha quem não diga o que sabe e esconda os trabalhos que vai fazendo. Ha de tudo.

Etc. etc.

E para terminar as impressões do dia, direi que hoje o Cesario Viana, coronel do Est.º-maior por graça da palermice indigena e da ralassa indulgencia de todos os tempos, tentou dar-me uma reprimenda a proposito duma discussão em q. entrei sobre os têmas resolvidos... Cavalgadura que se permitiu atirar um coice de ferradura nova.

Ponto final...

... e Post-scriptum: uma besta que se julgou com autorid.e para ter uma opinião.

Caxias.

Abril: 10

Tive hoje a prim.ª prova de aferramento, prova a q. eu calão da Escola se chama garraio.

Não sei se foi bem se mal. Cereio, porem, q. iria para satisfazer.

Não venho aqui deixado notas que seria interessante deixar p.ª futuro porq. não ha tempo para isso.

Só direi que o general Schiappa de Azevedo me informou de que o cargo de director da Escola de Agueda já estava dado quando nisso falou ao ministro que, diz ele, teve prova do compromisso já tomado.

Paciencia.

E direi ainda que o general José de Almeida, o director de Caxias, no dia 28 de Março, ao inaugurar a serie de conferencias de altos estudos fez um discurso em estilo de «Portugal maior» pedindo ás altas autoridades portuguesas o maior cuidado com a educação da mocidade que é a fiadora do nosso futuro e acusethando a unificação da politica, o fortalecimento do principio da autoridade, a renovação das tradições e, para remate de tudo, a solicitação da alta

protecção divina para obra de tal magnitude. Etc. etc.

Foi muito cumprimentado.

Caxias.

Abril: 17.

Hoje nova prova de apuramento que constou dum problema de aproximação na região ribatejana.

O meu condiscipulo Mario Silvio Ribeiro de Meneses, sempre atrapalhado com os têmas e m.to fóra destas realidades, pediu-me p.a o ajudar sempre que a vigilancia dos mestres deixasse.

O coronel Pereira dos Santos, de certo propositadamente, colocou-me ao lado dum ten.te coronel com curso do Estado-maior, um certo França Doria, individuo empertigado e m.to senhor dos seus cordões dourados se bem que m.to educado p.a com todos. Cortou assim o Pereira dos Santos a possibilid.e de o Mario Menenes ou o João Passos Pereira de Castro J.or virem p.a o pé de mim. O Meneses, ficou, até, um pouco distanciado e de lá olhava-me com ar aflitivo de rapasinho de escola que se vê em branco perante exame escrito. E eu, por gestos compreensivos, sossegava-o...

Depois de me ter informado do proble-
ma e procurado definir nas linhas ge-
rais a ordem de operações, lembrei-me
de fazer uma pequena partida, ao bri-
cadeira, ao Menezes a-propósito duma
indicação expressa na ordem da divisão[1]
E dei-me na menêta mandar-lhe a
mensalhada que se segue:

Ao Menezes:

Eu cá não sou exigente,
Acho sempre tudo bem;
Não gosto de dizer mal
Nem fazer mal a ninguem.

A Escola é risonha e franca,
Caxias — um Paraiso!
E para tanta canceira
Encontro sempre um sorriso.

Mas ha coisas q. me tocam
Na m.ª sensibilidade
E não estão já na razão
Da nossa avançada idade.

---

[1] A ordem indicava a certa unidade esfor-
ço principal contra a «mata da viuva do Pau-

Pois Meneses! Não nos mandam
(E isto me faz mofino)
Fazer esforço na mata
Da viúva do Paulino?

A mata é sempre problema
E bem grave, eu não o nego;
Porq. pode dar-se o caso
Da verruma dar em prego.

Estou deveras perplexo
E bastante pensativo...
Pois não sei se vencerei
Semelhante objectivo

(a) Cadete nº. 50 de Caxias.

A versalhada lá foi com as cautelas devidas, de mesa em mêsa; o Meneses esperava o papelucho com o ar de quem via a verdad.ª salvação. Ao abrir e ver q. o papel continha versos, a sua expressão tornou-se de tal forma aflitiva, quasi dolorosa, que eu fiquei com remorsos de ter feito a brincadeira alias inocente. Fiz-lhe sinal que ia logo outro papel e na verd.e e em perigo de perder tempo

---

lino» na Leiria ribatejana, perto do rio.

para o meu trabalho, lá lhe mandei em esquema o que era necessario fazer, pois os visinhos não o poderiam ajudar, uns por não saberem outros por serem da raça dos egoistas.

E aqui fica um episodio comico que vem lembrar os tempos das escolas, dos tempos da mocidade despreocupada...

Coimbra.

Maio: 6

De volta de Caxias, com o curso completo e creio que com menos má informação.

Trago impressões tão contraditórias!

Se, por um lado, não desgostei do ensino ministrado e do metodo seguido, por outro verifiquei que a camaradagem entre os instruendos deixou muito a desejar. Ainda o espirito da Escola do Exercito persistia nalguns e sobrevadava ao fim de 33 anos passados.

Devo, porem, dizer que fui bem tratado pelo pessoal docente. Creio até que comigo houve certa consideração — ou então me enganei em perante algumas manifestações de delicadeza que senti á minha volta. As minhas provas foram notadas pela clareza, metodo e boa redac-

ção; isto me disse ontem o coronel Ernesto Machado que foi instrutor da turma e que casualmente encontrei na estação do Rossio quando me ruma no comboio para regressar.

Mas a gana de alguns em quererem sobressair á custa de outros e a ância de certos camaradas, ignorantes, em se salvarem á custa dos parceiros... é que me deixou mossa para m.to tempo e me acarretou algumas desilusões.

Que se ha-de fazer?

Coimbra.
Maio: 8.

Escrevi uma carta de atenção ao coronel Ernesto Machado, como agradecimento ás amabilid.es e provas de consideração que teve f.a comigo em Caxias.

Poderá ser tomada como bajulação minheira?... Mas é de inteira justiça.

Coimbra.
Maio: 24.

Veio hoje nos jornais a notícia de que a Assembleia Nacional deu nova redacção ao §3.º do art.º 43 da Constituição. Deixo aqui registado o facto por mera curiosidade — pois ele é por demais conhecido.

A alteração é a que se segue no retalho incluso. E' simples e banal curiosid.e mas em todo o caso fica para não esquecer como me terei de educar daqui para o futuro.

«O ensino ministrado pelo Estado visa, além do revigoramento físico e do aperfeiçoamento das faculdades intelectuais, á formação do caracter, do valor profissional e de todas as virtudes morais e civicas, orientadas aquelas pelos principios da doutrina e moral cristãs, tradicionais do País».

Coimbra.

Junho: 5.

Recebi hoje carta do Camara Reis com convite em nome do Antonio Sergio para escrever o artigo Aljubarrota na Grande Enciclopédia portuguesa e brasileira.

Fiquei algum tanto admirado. Mas, enfim, a carta é bem clara.

Respondi com esta outra:

«Ex.mo Sr. ... — Recebi a carta de V... datada de ontem e agradeço muito o convite honroso q. me faz. Se bem que não seja a pessoa mais competente para o artigo acerca de Aljubarrota, não tenho duvida em aceitar o encargo que, aliás, me é muito grato. Podem VV... contar com o artigo que, pelo limite indicado de cerca de 150 linhas, pouco mais dá que uma pagina. Parece-me ser o suficiente para dar

a ideia da manobra inicial e da batalha propriamente dita — mas sem milagres... Com eles, o caso seria mais dificil e encheria o volume! — Com a maior consid.ão etc. etc. »

E agora, uma duvida: o trabalho será pago? Continuarei eu a trabalhar de graça?

Coimbra.

Junho: 16.

Tem para aí corrido uma « Semana militar » com varios ridiculos e varias manifestações nacionalistas, etc.

Mas para mim, que nada vi do que se passou e simplesmente curo por informações de pessoas q. assistiram ou pelo que dizem os jornais complacentemente, é claro; para mim, dizia eu, o que mais me deu no gôto foi o cartão de visita que o general Gomes de Sousa foi deixar ao D. Afonso Henriques, com um ramo de flores, no ultimo dia 13, seguido dum cortejo de combatentes e creanças das escolas. Onde chega o ridiculo!

A D. Afonso Henriques
Fundador de Portugal
O General Gomes de Sousa
13-VI-1935

Aí fica colado o cartão de visita, conforme os jornais disseram.

Que boa laracha!

Coimbra.

Junho: 20.

Escrevi ao Ant.º Sergio, a respeito do artigo Aljubarrota que me pediu por intermedio do Camara Reis, para a Grande Enciclopedia:

« Ex.mo Sr. ... — Remeto, por este correio, o artigo Aljubarrota. Desconfio de que não satisfaz. Nunca fiz trabalhos deste genero, sujeitos a formulas especiais. V... me dirá se necessita emenda ou alteração; uma e outra coisa farei se assim o entender. — O tamanho deve ir conforme o pedido, mais linha menos linha. Não sei se posso pedir o favôr de rever provas; gostaria de as rever; mas se este desejo vai de encontro ao estabelecido na empresa, não insisto. Agradeço m.to a V... a carta que me dirigiu e peço me creia, etc. etc. »

O artigo foi feito com mais ou menos calma. Procurei fazer prosa didatica mas tenho pouco geito para isso.

Coimbra.

Agosto: 3.

Frequento o curso de férias para ouvir, por agora, o Agostinho de Campos nas lições de literatura portuguesa — lições excelentes, atraentes, ligeiras sem aspectos catedraticos.

Aproveitei a excursão de 28 de Julho ao Caramulo, Viseu e Vale do Vouga que eu imaginei ser apenas excursão e afinal foi uma trapalhada dos diabos, com missa obrigatoria em Tondela e uns momentos de extase em Santa-Combo como se tivessemos chegado á Terra da Promissão...

Este curso está integrado no plano Estado Novo. Excluiram o dr. Joaquim de Carvalho e outros que não corresponderiam aos desejos; e, a proposito de tudo e de nada vão atirando á cara dos extrangeiros e de nós proprios, as excelencias da ditadura e o valor excelso do grande Chefe.

E a proposito, aqui fica uma confidencia: no conselho da faculdade de Letras que resolveu o plano do curso de férias viu-se que era o Agostinho de Campos o maior promotor da nova feição que se

deu; e como consolação, dizia arteiramente para o Joaquim de Carvalho:

— ... bem vê, meu Am.º, que ha tempos de falcão e tempos de coruja...

Na conferencia que o Amorim Girão fez sobre o Caramulo, e ao exaltar a Beira como o coração de Portugal, disse que bastava Santa-Comba para provar que desta provincia portuguesa sáem os maiores homens!

E assim sucessivamente...

Não gastarei mais tinta.

Coimbra.

Agosto: 6.

Carta ao Luis da Camara Reis a proposito de um pedido q. me fez para se conseguir, em Coimbra, algum dinheiro para a Seára Nova que anda sempre em apuros.

«Bem.... — Pela comunicação do dr. Joaquim de Carv.º já V... deve saber o que ficou resolvido ácerca do assunto da carta de V.... de 23 de Julho passado. Pela m.ª parte, neste momento, era-me dificil se não quasi impossivel conseguir qualquer coisa. A solução daquele ilustre Prof.or parece-me a melhor — e oxa

lá a causiga o que, aliás, é quasi certo. — Lastimo muito não estar em condições de, por mim proprio, resolver o problema; a Seára poderia contar então com um amigo para as ocasiões. — O artigo sobre Aljubarrota que o pr. António Sergio me pediu para a Seára por intermédio de V... já lá vai, o melhor que consegui. — Não deixe de dar as suas indicações ao q.e é, etc. etc. »

Coimbra.

Agosto: 7.

Carta para o dr. Alberto de Oliveira: uma especie de relatório bem humorado.

« Ex.mo/m. Dr. — Ha muito que não dou noticias a V... assim como as não recebo directas. Tenho saido pelo pr. dr. Agostinho de Campos, uma vez por outra, como VV... passam e por final que ultimam.te me disse que a Ex.ma Esposa não tem passado bem. Desejo muito sinceramente as melhoras. — Durante o inverno andei preocupado e assoberbado com a m.a preparação para o curso e provas necessarias para ser promovido; depois, lá fui durante 3 meses submetter-me a regime de internato em Caxias

e respectivas provas finais, nas quais apesar do meu afastamento do serviço, e dos meios de estudo, consegui arrancar uma das melhores classificações. — A seguir voltei para casa bastante massado e valeu-me o curso de ferias da Faculd.e de Letras para diversão de espirito já afeito e quasi cançado de tanta ciencia belica! Ouvi com o maior agrado e proveito as lições e conferencias do sr. dr. Agostinho de Campos; assisti a todas as lições e confer.as de outros professores portugueses ou extrang.os que me poderiam interessar e assim vou preparado para passar o mês de Setembro na Quinta da Paz, Mafra, esperando a promoção e não sei se alguma ordem para qualquer comando. — Por tudo isto me conservei silencioso a respeito de noticias e tenho ido á Torre só de longe em longe [1]; vou lá amanhã ou depois, antes de sair, verificar as janelas e despedir-me até outubro. — Mandei ha tempos um numero de qualquer jornal que transcreria artigo do brasileiro Saul de Navarro acerca da Torre; hoje mando outro que, com franquesa, não sei se será repetição. —

---

[1] A Torre de Anto, em Coimbra.

O José Viana, do Diário de Notícias, fez também crónica sobre a Torre, há algum tempo; parece que quer ir uns dias para lá, escrever qualquer coisa acerca de António Nobre e disse-me que V... o autorizava; mas eu (que não vi a carta) não sei se devo dar-lhe as chaves. Ando a entreter até V... o dizer. Terão que não é má pessoa, mas acho-o um tanto ou quanto palerma para fazer estudos sobre o Poeta. Emfim, V... dirá. — E com muitos cumprimentos, etc. etc. »

Paz (Mafra)
8 de Janeiro: 21.

Afinal, o José Viana a quem me refiri na carta últ.ª o Dr. Alberto de Oliveira é um pantomineiro como outro qualquer. E além de pantomineiro é, como o julgava já, bastante palerma.

Em virtude de carta do A. de Oliveira escrevi esta outra ao dito Viana:

« Ex.mo Sr. : Recebi hoje carta do Dr. A. de Oliveira em que me fala de novo ao propósito de uns seus sobrinhos irem brevemente para a Torre; e, ao mesmo tempo, me dá a entender o desejo de não entregar as chaves a quem não

seja da familia. A Torre está cheia de coisas intimas e é-lhe desagradavel que essas coisas se exponham a olhos estranhos — excepturando, é claro, as visitas que ele tem sempre muito prazer em autorizar. Vejo, por isso, adiada a invenção de Vilé.; e com os meus cumprimentos, creia-me, etc. etc. »

Este cavalheiro J. Viana dissera-me que o dr. A. de Oliv: o autorizára a residir na Torre, quando foi precisamente o contrario...

Não ha duvida: o Kifas é pantomineiro.

Paz (Mafra):

Setembro: 28.

Pelos jornais de hoje que trazem a pauta da Ordem do Exercito, vejo que fui promovido a coronel.

. Uma honra para a familia...

Disse-me o brigadeiro Casimiro Seles, que comanda a Escola Pratica, em conversa de ha dias, que a demora na promoção foi causada por falta de verba para as reformas — ultima invenção do super-homem que cavalgou o País ha uns anos para cá.

Ao cair, finalmente, ao último posto; por aqui ficarei, declarando-me vencido.

Para que teimar mais?

Não sei que sensação tive, ao ler, sem contar com isso, a notícia... O sobressalto seguinte á leitura, veiu da hipotese de deslocação. Do mais fiquei indiferente.

Providencialmente, o ministro deixa-me ficar no quadro da arma; confirmo, como até aqui, «comandante interino...»

E assim será, quem sabe? até á consumação dos seculos...

Amen.

Coimbra.

Outubro: 13.

A minha promoção deu azo a varias manifestações com que não contava. Alguns condiscipulos, companheiros de Caxias, pessoas de familia, os oficiais do regimento de Penafiel, etc. etc. em numero superior ao que eu julgava possivel.

Entre as manifestações curiosas, destaco a do jornal O Povo de Penafiel cujo director me ficou afeiçoado e co-

mo ele dizia «admiradôr.» A notícia que aqui fica colada veem no numero 9. Hoje recebi. O homem não se esqueceu e contrastou com os jornais da minha terra 9. apenas deram a notícia envolvida nas notícias militares do costume.

Tenente-Coronel
Belisário Pimenta

Pela ultima ordem do exercito foi promovido a coronel êste nosso distinto amigo, que servia como tenente-coronel em Infantaria 6, tendo deixado nesta cidade verdadeiras amizades e simpatias, mercé do seu primoroso caracter e cultissimo espirito.

Ao distinto amigo e ilustre militar que é, sem duvida, um dos mais distintos oficiais de Infantaria, apresenta «O Povo de Penafiel», os seus sinceros cumprimentos por tal motivo.

Quanto ao meu destino... O que passei em 28 de Setembro último modificou-se. Sei apenas que primeiramte fui destinado ao D.P.B. nº 12, na Guarda, mas o Gomes de Sousa, comandte da Região opôz-se; depois parece que se pensou em me dar o comando de Infantaria nº 7, em Leiria; até que por fim fui arrumado para o Distrito de Recrutamto e Reserva nº 2, em Abrantes para onde irei logo que a Ordem do Exercito me coloque.

Pelo bilhete do Coleme Godinho que interinamente exerce as funções de Ajudte General, vê-se que foi «o que se pôde arranjar...»

Lá irei, pois, para a «fresca Alrantes.» E como sou, certamente, o mais antigo, eis-me na lista dos governadores da Graça, afastado sucessor do felizardo do Junot...

Coimbra.
Novembro: 2.

Carta ao coronel Henrique Pires Monteiro. Sempre é bom copia-la.

«.... Escrevo-lhe da cama, onde uma forte constipação me obriga a estar, com a agravante de já ter eu meu poder a guia de marcha para Alrantes para onde vou eu 10 do corrente. Depois duma quasi bronco-pneumonia que arranjei no Porto, no serviço dos Tribunais Militares, fiquei com tal sensibilidade que a menor coisa me obriga a recolher. Estou quasi inválido, o que me aborrece bastante, não porq. tenha aspirações a rapaz novo mas simplesmente porque me não é possível tratar da vida como os outros. — Recebi e já li o seu caderno acerca do general Roçadas. Quando se trata do período da nossa intervenção na Grande Guerra é sempre difícil, sem belicar melindres, fazer a história correctamente.

O cor.el Pires Mont.º já no seu opusculo da Enciclopedia pela Imagem passou galhardamente por entre os escolhos; agora, mantem bem e firmemente o seu ponto de vista sem tocar nas dificuldades do assunto — embora se sinta amargura através das suas palavras. É um belo folheto de propaganda e vulgarização da nossa acção colonial; e o general Roçadas (que eu, pessoalmente, mal conheci mas q.e admirava e respeitava) bem merece q.e dele se ocupem os que cem alma levantada ainda acreditam no que vale o exemplo e o caracter. Cá espero o outro caderno acerca do gen.al Pereira de Eça, tambem melindroso de tratar. Muito e m.to obrigado pela sua oferta. Encaparei, logo que saia, o exemplar destinado ao Instituto. — Do prox.º dia 11 em deante (dia do bem-aventurado S. Martinho!) estou ao seu dispôr em Alhandra onde, com m.to prazer, receberei as suas ordens. — Creia-me, etc. etc. »

Coimbra.
Novembro: 7.

Fui hoje defôr no processo disciplinar movido contra o José Ernesto Marques Donato por motivo de acusações

feitas pelo Ant.º Gomes da Rocha Madahil na sindicancia á Bibliot.ª da Universidade. Eu disse apenas isto:

«... que, frequentando a Bibliot.ª da Universid.e ha muito mais de 30 annos, conheceu o arguido desde que para lá entrou e sempre viu nele funccionário cuidadoso, sério, atencioso para com ela, testemunha assim como f.ª com os outros leitores e nunca ouviu em todo este tempo qualquer referencia desagradavel a seu respeito; alem disto considera-o pessoa illustrada, auxiliar valioso para os directores do estabelecim.to pelo qual pouco se tem interessado e para o qual tem procurado (como algumas vêzes provou) chamar a atenção por varios meios (exposições, colaboração no Boletim privativo, etc. etc.). Quanto á sua vida de cidadão que possivelmente possa ser posta em causa, deve dizer q. nunca ouviu qualquer referencia que lhe fosse desfavoravel, antes tem a impressão de que é pessoa bondosa, tolerante, prestavel e trabalhadora. E mais não disse...»

Aquele Madahil é terrivel... Hade ser sempre o mesmo.

Alcantes.

Novembro: 10.

Aqui cheguei ha pouco. Tarde excelente. Impressão boa do caminho, do entroncamento para cá, com um arco-iris em frente, a N.E. na direcção da cidade — como de quem diz: vais ali encontrar a Paz e ... a aliança!

Para confirmar, á chegada, o meu sub-chefe esperava-me com dois oficiais, solicitos, com automovel alugado. O sub-chefe, um tanto ou quanto acanhado; e logo me preveniu de que se iria embora...

Mas todos tres exaltaram a terra, os bons ares, o sossêgo, as facilidades do Quartel-general, etc. etc. como quem anima um condenado ao desterro...

A cidade, pelo q. vi de relance, está apertada num alto; ruas estreitas, casas baixas, na maior parte; situação irregular nas lombas que descem para o Tejo. Já sentí frio fino, mais penetrante do q. em Coimbra; mas parece-me mais seco.

Emfim...

A pensão, a melhor hospedagem da terra, com bom aspecto; o diabo é um

aparelho de radio que, desde que cheguei ainda não parou de tocar e berrar, com toda a sorte de musica, recitativos, côros, o demonio a quatro.

Enfim... Vamos a ver.

Abrantes.

Novembro: 11.

Já me apresentei e parece-me q. o Distrito de Recrutam.to e Reserva está em regra.

Fui recebido no regimento de Infantaria 2 (onde está o comando militar) com certa simpatia... benevola.

Abrantes é um fóco politico dentro da actual situação. Dois partidos guerreiam-se com vontade e é possivel que essa benevolencia seja derivada da esperança de adesão... a qualquer deles.

Logo de manhã, ao dar uma volta para conhecer a terra, cheguei a um alto, do lado poente, de onde se avista larga extensão de terreno. Uma cigana chegou-se alicoantemente, e profetizou-me que chegaria aos 88 anos e que iria receber muito dinheiro... ~~[illegible]~~ A profecia não era mais do que o convite para uns cinco tostões; mas não deixei de comentar que achava muito: quer a idade quer a fortuna.

Ontem o arco-iris alegre; hoje a esperança de muito dinheiro...

O certo, porem, é que a terra é, de relance, agradavel e á minha volta ha certa curiosidade. E ao passar pelas ruas, fardado, quasi todos os homens cumprimentam, até individuos que, pelo trajo, denotam certa superioridade social. São restos da antiga servidão da graça de guerra; ficáram os habitos de submissão ao poder militar.

Que lhes preste.

... E o que eu já ouvi a respeito de escandalos politicos!

Ontem á noite houve manifestação popular de claro protesto contra a situação actual; rivirio, murrinio, intervenção da força armada, etc. etc.

Vá lá!... Compreensam com este protesto, os cumprimentos respeitosos ao estado militar. O diabo é se ha qualquer sindicancia e se ela me cái em cima.

Alcantes.

Novembro: 13

Disse-me ontem o tenente-coronel Marques Godinho, de Alcantes, meu colocado actualmente em Aveiro, que lhe consta que o meu condiscipulo Alberto dos

Santos Pereira Monteiro, conhecido desde a Politécnica por «Tinturas de Tornesol», anda a trabalhar p.ª ser nomeado director da Escola de Sargentos de Agueda.

Hei-de encontrar sempre este diabo pela frente! Pois que lhe preste e que se intégre bem no ambiente talassa e situacionista da terra — são os meus votos mais sinceros.

Não mexerei no assunto.

Estou a gostar de Abrantes: sossêgo, bons ares, panoramas largos para a meditação. É mais um periodo de repouso na m.ª vida do que um periodo de trabalho. Quero fazer o possivel para gostar da pacatez abrantina — e o Monteiro, o Tinturas, que... tenha muita saude!

Abrantes.

Novembro: 16.

Uma nota muito simpatica em Abrantes: estou aqui ha seis dias e ainda só vi vi um padre!

Deve ser boa terra, com certeza, aquela em que falta essa gente.

E esse unico padre que encontrei na rua, tipo de fisionomia correcta, bem trajado á secular, ao encarar comigo e certamente por me reconhecer forasteiro, fez

um cumprimento cheio de urbanidade a que eu correspondi com equivalente cortesia.

Conclusão: são poucos mas... bem educados.

Abrantes.
Novembro: 18.

Carta que tive de escrever ao Ferreira Lima. Este mundo é um embréchado. Cá fica a epistola:

«... As nossas boas relações de amizade e camaradagem, teem levado algumas pessoas a solicitar os meus bons oficios junto do meu Am.º para vagas no Arquivo Militar. Tenho-me esquivado conforme posso porque, se estivesse no seu lugar não gostaria de aceitar qualquer adjunto, mas sim escolhe-lo.

Acontece, porem, agora, que um dos secretarios do dr. Salazar, oficial do Estado-maior, que ainda ha pouco me prestou um serviço de certa ordem numa divida do Estado a m.ª Mãe (proprietaria dum prédio em que esteve uma repartição publica que não pagava a renda!) me escreveu a respeito de vaga no seu Arquivo... Confesso lealmente que não

tive cára para me escusar e por isso lhe vou transmitir a solicitação — se bem q. me parece, desde já, não poder ser atendida.

Um certo capitão do 14, miliciano, Antonio Dias, bacharel em direito, deseja ser aí colocado; e alega p.ª contrapôr ao facto de ser miliciano, a circunstancia de formatura em direito que ele julga ser o motivo que levou para lá o Carlos Amaral. Como vê, está posta em equação a teoria do sapateiro de Braga...

Julgo eu, porem, se me não engano que o Amaral não foi proposto mas imposto e isto estive eu p.ª dizer logo que recebi a carta; mas não o fiz sem ouvir a sua opinião ou informação.

Não sei quem é o candidato, nem de nome o conheço; é capaz de ser cavalheiro que se quer anichar em Lisboa e vê no Arquivo Hist.º o nicho conveniente. O meu Am.º dirá de sua justiça e o que disser se fará. E tenha paciencia com esta intromissão nos seus serviços. São apertões que ás vêzes levâmos e contra os quais não ha que reagir.

Quanto a Abrantes, o frio e o mau tempo não me deixaram ainda ver o arquivo municipal e o museu; mas tenho

tempo e já vejo que, na terra, se recebe bem e ha vontade em ser agradavel aos forasteiros.

Desculpe o incómodo. Quando podér dar a sua informação, muito grato lhe fica o velho am.º, etc.»

Abrantes.

Novembro: 19.

Já sei que tenho no Distrito um espião por conta da politica dominante no concelho. Trata-se dum tenente Fernando Mergulho, pessoa pequenina, unctuosa, cheia de cortezias, com aspecto bastante serafico. Dizem-me que é católico praticante — o que ajuda a explicar a missão de q. o encarregáram.

A politica agora dominante é integralista, côr Duarte Nuno, na qual é epigone um major de Inf.ª n.º 2 Matos Raimundo. Essa parcialid.e tem vexado aí toda a gente, segundo oiço e creado atomosféra terrivel contra a propria situação creada com o movimento de 28 de Maio.

Ora é essa gente que mandou o ten.te Mergulho para espiar o que se passa no Distrito de Recrutamento — e em especial o que faz o seu novo chefe.

Heraultes.

Novembro: 20.

Carta ao Fernando Santos Costa, meu antigo alferes no Grupo de Metralhoras nº. 5 e actualmente tenente do Estº Maior e assistente do professor de tactica geral no curso do dito Estado-maior em Caxias. Ao mesmo tempo acumula com o cargo de secretario particular do ilustre Salazar de quem é, ha muito, uma especie de acessor para assuntos militares. E' pois pessoa de importancia...

Segue a carta que se relaciona com a que ha dias mandei ao Ferreira Lima:

«Meu caro Santos Costa: Não respondi logo ao seu cartão porque esperei resposta do sr. cor.el Ferreira Lima. Tinha muito prazer em lhe ser agradavel e poderia até informa-lo logo acerca do assunto q. conheço bem porque varias vêres tenho sido solicitado para o mesmo fim. Contudo, quiz ouvir o sr. cor.el Ferreira Lima que amavelm.te e com a maior franqueza me respondeu — o que eu, aliás, já calculava. O regulam.to manda que os oficiais propostos tenham o curso da Escola e ele, naturalmente, não póde fazer proposta contraria ao que está

regulamentado; e o caso do Carlos Amaral que parece ter aberto precedente é diferente do que o meu Adm.º julga porque esse oficial não foi proposto mas sim mandado para lá pelo consulta ao director e até contra sua reclamação. É pena que o regulam.to não abra uma excepção para os formados em direito e, ainda mais p.a os de letras pois poderiam prestar serviços para que tinham outras bases que não tem o oficial das armas Vaul court. — Aqui tem o Santos Costa o que ha para dizer com a maior franqueza e com m.ta pena de não lhe poder ser util; mas não posso insistir em assunto que é, como vê, melindroso. E ainda ha mais: a vaga já está prometida a um oficial que já la esteve e que foi bom ~~auxiliar~~ auxiliar. Contra tudo isto... é ter paciencia. — E o seu garôto que eu conheci em Caxias? Muitas felicid.es para ele. — Eu para aqui fui projectado, feito marupa de alpaca. Estou, parece, satisfeito. — Veja se manda coisa posso ser util e dipa, elê.elê. »

Não vai gostar, com certeza, da resposta. Este Santos Costa não é de muito boa raça, mas que se lhe ha-de fazer? O

Ferreira Lima não podia responder doutra maneira. E a resposta lá foi, como se vê pela cópia supra.

Alenquer.

Novembro: 25.

Um caso passado na terra se teve dado comigo. Tenho recebido visitas de varias pessoas de estação; e, dada a feição de certas localidades em que a visita ao forasteiro que chega é' coisa obrigatoria, essas visitas poderiam só ter a significação de costumeira e não representarem qualquer preferencia. E assim concluiria que tanto eu como outro qualquer teriam as cortesias de toda a gente grada.

Hoje, porem, trocando a visita ao dr. Manuel Fernandes, medico e operador notavel e de prestigio em Alenquer e fazendo referencia a esse facto, ele disse-me categoricamente que as visitas só são obrigatorias quando se reconhece no recem-chegado qualidades de certa ordem.

Quere dizer: a boa sociedade alenquerina é <u>ermética</u> — e, pelos vistos, eu trago comigo o condão de lhe abrir as portas... Antes assim! Sempre é honra para a familia, como se dizia nos meus tempos de estudante.

e a propósito...

Nos jornais de Coimbra a minha deslocação teem sido referida nos termos pouco mais ou menos como os da notícia que aqui fica copiada. Mas isto só depois de os periódicos de Alcantara terem anunciado a minha chegada. Vê-se, pois, que na minha terra não se deu pela minha saída... E só esta boa terra alcantarina é que notou a entrada nos seus muros de tão ilustre pessoa. Santos de casa não fazem milagres.

Ver, no fim do vol. pag. 278.

Alcantara.

Dezembro: 16.

Afinal veiu-me parar ás mãos a sindicancia feita a certos officiais que foram acusados de andarem envolvidos no tumulto que houve em 10 de Novembro passado, no dia da m.ª chegada.

Foi primeiram.te encarregado o sub-chefe do distrito, o ten. coronel Pedro de Azevedo Cruz, mariola insigne e ser-ventaculo valioso (!) da actual situação

política. Caso, porem, aparecesse acusado um coronel reformado ou na reserva, o cavalheiro descartou-se logo do trabalho e no Quartel-general entenderam por bem passarem ás minhas mãos o encargo de desvendar a mutáda.

Para dar o exemplo de imparcialidade, mantive o mesmo secretário do auto, um tenente Serras Pereira, creatura dos dirigentes políticos, homem de confiança deles, mas q.e ao mesmo tempo me diziam ser creatura séria e leal. Creio que fiz bem e, na verd.e, não me arrependi.

Da sindicancia nada se provou contra os oficiais acusados. Tive sempre o cuidado de manter toda a liberd.e á acusação e procurei averiguar o melhor possivel. No entretanto os acusadores nada disseram de concreto e caíram, sem esforço, em contradições flagrantes; de modo que se viu logo que havia evidente propósito de réxame e que possivelm.te as autoridades que participáram contrariam com a "boa vontade" do sindicante para comprôr o ramalhete.

O proprio tenente Serras Pereira por vezes censurou a participação e ficou convencido da marotéira que quizeram fazer aos oficiais adversários.

Depois duas poucos de dias de trabalho terminei o inquérito e lá fiz um relatório que, melhor ou pior, mostrava a inanidade da acusação. Quando o mandei p.ª o Quartel-general, escrevi ao chefe do Est.º-maior por qualquer outro motivo e acrescentava: «O relatório de sindicancia vai feito com a melhor consciencia e o maior desejo de justiça. Oxalá, como diz o povo crente, que Deus lhe ponha a virtude...»

O que eu não disse ao chefe do Est.º maior é que me regozijei com a feição que o inquerito tomou. Dar-me-ia m.to desagradavel encontrar as faltas que as autoridades actuais queriam atirar para cima de certos oficiais adversarios.

O relatório, por curiosid.e fica arquivado aqui. Já agora, para recordação e para proveito e exemplo... (1)

Alvaiázere.

Dezembro: 22.

Segue-se uma carta ao Dr. Alberto de Oliveira, a quem não dava ha muito noticias e que vai escrita com certa malicia intencional.

---

(1) No final do vol.e a pag. 387.

«... Vai admirar V... o eu escrever de Abrantes. Mas, como consequencia da minha promoção em Agosto, e do ministro (meu condiscipulo) não me querer afastado do serviço, fui atirado p.ª aqui em Outubro, sem calcular q. o meu pobre nome fôra alvo de varios conciliabulos no ministerio da Guerra. E como o general de Coimbra me não quiz na sua região, aqui estou nesta boa terra já mais ou menos aclimatado, chefiando um Distrito de Recrutam.to de 3.ª classe. Parece q. o ministro me quiz dar o comando dum regimento (creio q. em Leiria) mas qualquer coisa houve q. transformou essa boa intenção em cargo de manga de alpaca. — Seja, porem, como fôr, venho oferecer-lhe o meu prestimo nesta pequena terra e ao mesmo tempo desejar a V... e Ex.ma Esposa as melhores festas e um ano feliz. Tenho muito prazer em continuar a receber as noticias e indicações de V... aqui ou em qualquer outra parte onde os Fados me lançarem. — Li ha dias q. a Torre fôra considerada monumento nacional; não sei nada acerca do assunto mas regozijo-me pelo facto pois sempre a põe ao abrigo de qualquer atentado. — Não sei até quando estarei por aqui; fui bem recebido e tenho sido alvo de atenções que sensibilizam — por isso

B. 36

vou deixando correr o tempo e continuo a estudar e a trabalhar para o que dér e viér. Mas aqui ou noutra parte, V... mandará, etc. etc. »

E com esta epístola cheia de minha se acaba o ano de 1935 que, com toda a franqueza, não sei se foi bom se foi mau... É possivel q. fosse um ano como outro qualquer..

— 1936 —

Alcantara:

Janeiro: 15.

Tudo como d'antes... Quinze dias do novo ano sem qualquer facto que mereça alusão!

Não ha maneira de fugir ao prologo popular.

Alcantara.

Janeiro: 23.

Recebi hoje uma nota que me comunica a colocação neste meu Distrito de certo tenente José da Silva, do regimento local. Dizem-me ser outro espião; e ha quem diga que é um doente que procura descanço.

Pode ser tudo isso.

O que estou a ver é que tenho mais importancia do que julgava.

Alcantara

Fevereiro: 4.

Ha dias, a 28 de Janeiro, o Carneiro Pacheco quando, como novo ministro da

Instrução recebeu os professores (aliás obrigados aos cumprimentos) disse que o ensino primário seria subordinado a uma proposta que apresentaria na Assembleia Nacional, a qual incluiria a disposição relativa á educação integral e cristã, necessaria de hora avante á nacionalidade portuguesa etc. etc. etc.

Dois dias depois, a 30, os jornais noticiáram que dessa proposta sairía outra disposição que determinaria a aposição em cada escola primaria de um crucifixo por sobre a cadeira do professôr, entre os retratos do Carmona e Salazar...

Conta-se até que a Carocha portuguesa já tomou conta do caso e notou que a imagem de Cristo ia ficar, de novo, entre dois ladrões...

Enfim: o que virá mais?

Abrantes.

Fevereiro: 20.

Em 10 deste mês recebi uma circular da União Nacional vinda por intermédio do Comando da Região — circular que fica junto, por curiosidade e para a História. (1) Dias depois veiu um aditamen-

---

(1) No fim do vol.º a pag. 396-397.

to que tambem aqui deixo apenso pelos mesmos motivos. (1)

E' claro que resolvi não responder e fazer de conta que o caso não era comigo. E guardei as circulares p.ª a colecção...

Acontece, porem, que o prazo marcado p.ª entrega das informações no Quartel General, terminou hoje. E lá, algum bom burocrata que deu pela falta da m.ª resposta, provocou um telegrama que ha pouco recebi pela estação radio militar, urgente, pedindo imediato cumprimento, ao disposto nas circulares.

Ora estava eu sentado na cama lendo pasmadamente La Débacle de Zola. O telegrama surgiu e eu, sem querer, sorri-me... Caíra em grande falta politica — e o caso era sério...

Respondi com o seguinte:

«Em referencia notas desse comando de 8 do corrente q. acompanhou circular N.º 124/4 da Uniao Nacional e n.º 257/1 de 13 tambem do corrente, informo V... para conhecimento de S. Ex.ª o General, de q. neste D.R.B. nada ha que possa dizer respeito ao assunto daquela circular e inter-

(1) No fim do vol.º a pag. ...

sar a comissão q. se propõe comemorar o 10º aniversario da Revolução de 28 de Maio de 1926. Quaisquer obras feitas no edificio, desta data para cá, por efeito da nota urgente nº 257/1 acima citada, fica este D.R.R. dispensado de mencionar. — (a) Pimenta.»

Ficou assim salva a responsabilidade e satisfeito o zêlo politico do Quartel-General.

Abrantes.

Março: 16.

Saiu ontem o fasciculo da Enciclopedia em que vem, finalmente, o meu artigo sobre Aljubarrota.

O Diario de Noticias, ao dar conta da publicação faz referencias aos artigos principais e a respeito do meu diz: «O dr. Belisario Pimenta fala de "Aljubarrota,» Como vivo em Coimbra, o tratamento tinha de ser este...

E' certo, tambem, que o Antonio Sérgio é igualmente tratado. Ao menos estou em boa companhia.

Vamos a ver, agora, quando vem o dinheiro — q. é, afinal, mais importante do que as honrarias.

Abrantes.

Abril : 1.

Fragmento de carta ao Julio Bivar Salgado que se desculpava eu me não escrever porque perdera a sua caneta de tinta permanente :

«.... Consinta, porem, que note desagradavelmente a sua afirmação de que só sabe escrever com a caneta que lhe perteence. Ora o meu Am.º que é ar vista vem a noção de que a caneta é insubstituivel e não o seu possuidôr ? de q. é ela que escreve e não aquele que a maneja ? Isso não será heresia — e das heresias grossas ? Ou então ... como serão as canetas do Antero de Figueiredo ou do Julio Dantas ?

«Fechâmos fronto ou, como disse o P.e Manuel Bernardes (creio que foi o Manuel Bernardes), fechêmos as éclusas. Ao seu dispôr. Cá espero a carta em vernaculo para a qual preparerei a fé rula. Com estima, etc. »

Este Julio Salgado é filho do meu velho condiscipulo e amigo Augusto Xavier Bivar de Arenes Salgado ; teve